

## **PESSOAS NOTÁVEIS**

Não são poucas as pessoas que marcam, de perto e de forma profunda, a vida da gente. Isso depende de como elas são observadas, claro, pois achar gente assim depende muito de saber prestar atenção naqueles que nos rodeiam. Selecionar algumas delas, para figurar dentro de tal galeria de “notáveis” pode não fazer justiça a muitos, ou até mesmo tratar indevidamente a alguns que talvez não o sejam. Vamos combinar, então, um conceito a ser aplicado no caso presente: *notável*, aqui, traz implícito um complemento: *para mim*, ou *no meu entendimento*. Mesmo assim, bem sei, pode ser uma classificação injusta, pois a muitos outros, cuja notabilidade também fosse digna de menção, talvez eu tenha falhado em percebê-la. Dito isso vamos em frente. Aqui vai uma pequena galeria pessoas, sejam colegas de escola e faculdade, companheiros da profissão, professores, alunos, gente, enfim, de quem me aproximei por razões diversas e que me deixou lembranças

### **O jovem que se dava com marcianos**

Se eu algum dia, ao caminhar por algum lugar deserto, topasse com uma lâmpada mágica e dela surgisse um Gênio, a me oferecer a possibilidade de fazer apenas um pedido, que seria o de rever alguém do meu passado, eu não teria dúvidas em apontar Agenor. Se fossem aqueles três pedidos, conforme a versão clássica dessa história, eu poderia também me lembrar de outras pessoas daquela época. Mas o que está em foco é tal caso real, que não admite exceções: um só pedido e nada mais...

Agenor de quê? Não me lembro ao certo. Fomos colegas de ginásio, no Colégio Estadual central de BH, do qual trago muitas lembranças significativas. Mas este Agenor era especial. Um tanto taciturno à primeira vista, do alto de seus 12 ou 13 anos, cara de poucos amigos. De minha exata idade, mas figurando mais velho. De mim se aproximou e se tornou amigo e em pouco tempo, confidente. Ele me falava de alguns amigos seus, que o impressionavam muito, e que um dia gostaria de me apresentar, mas que isso dependeria de tempo e de que ele ganhasse confiança em mim.

Quando eu lhe cobrava tal contato apenas me dizia: está cedo ainda. Como aquilo despertou minha curiosidade, como costuma acontecer com os adolescentes, sempre em busca de mistérios e emoções, ele aos poucos foi me revelando pequenos pormenores de tais amigos. Por exemplo, que eram muito inteligentes, que viviam em comunidade, que tinham uma rede pequena de contatos, à qual poucas pessoas tinham acesso, que andavam de Fusca e eram pessoas do bem. Generalidades desse tipo.

Um dia deixou escapar uma frase misteriosa, alguma coisa como a vida deles aqui na Terra. Aí, não deu para segurar: aqui na terra? Como? Eles não são daqui? Então, Agenor teve que abrir o jogo. Primeiro me chamou para um recanto deserto do Colégio, um portão permanentemente fechado, situado num recôndito desnível, e ali me pediu reserva total a respeito do que iria me revelar. E arrematou: isto lhe trará risco de vida se você o revelar para alguém, ouviu? Isto posto, finalmente me revelou por inteiro o seu segredo. Seus amigos vinham de fora, não de outra cidade, estado ou país, mas sim de Marte. Sim, do Planeta, também satélite do mesmo Sol que nós da Terra conhecíamos. Estavam aqui para ajudar a humanidade a enfrentar o sério perigo da guerra atômica (era época da famosa crise dos mísseis em Cuba).

Nossa, aquilo me fez arrepiar e enchê-lo de perguntas, nem todas respondidas, naturalmente.

Entendiam e falavam a língua dos homens? Para eles não era problema, tinham uma forma de inteligência superior, que automaticamente os sintonizava com a fala e a escrita dos lugares onde estivessem. Como se locomoviam? Em carros iguais aos nossos, mas cuja mecânica era completamente diferente por dentro, movidos que eram por algum tipo de combustível completamente desconhecido pelos terrâqueos. E haveria alguma coisa em que nós, da Terra, poderíamos ser melhores do que eles? Sim, apenas uma: música. Os marcianos apreciavam, particularmente, a obra de Beethoven. Mas na literatura eles nos achavam muito fracos.

Claro que eu tinha tudo para não acreditar naquelas histórias, evidentemente malucas, mas fui dando corda ao meu amigo, talvez para ver onde ele poderia chegar com aquilo. Mas a verdade é que me divertia bastante com a criatividade dele e com a sua capacidade de não perder o fio da narrativa e nem cair em contradições, mesmo que passássemos uma semana inteira sem falar daquilo, já que ele só o fazia quando nos encontrávamos a sós, pois, coerentemente, ninguém mais poderia compartilhar aquilo. E assim eu fui me fazendo de crédulo e acho mesmo tê-lo enganado a respeito disso, pois com o tempo as histórias iam se aprofundando e revelando inéditas facetas dos tais marcianos.

Acho que em certos momentos eu mesmo me via acreditando de verdade em tudo, pois chegava a debater com ele alguns temas digamos, mais filosóficos, relativos à presença de tal gente entre nós. Em outras palavras: eu fingindo que acreditava nele e ele fingindo que eu realmente acreditava no que ouvia. Essa diversão séria, porém, fantástica, em que o enganador e o enganado se confundiam, mas também se entretinham, durou alguns meses.

Pena que no final do ano, com as férias, as conversas se interromperam e na volta à escola no ano seguinte, Agenor havia mudado de colégio.

Desde então o procuro intensamente, apesar de o mundo não ter se acabado e nem terem aparecido os extraterrestres, como ele previa. Um dia tive um lampejo de memória a respeito de seu possível nome completo: Agenor Mascarenhas! Corri ao Google e lá encontrei um patusco homônimo que ensinava, através de um vídeo didático, a transformar velhas cuecas zorba em bustiês femininos, recortando o fundo dessas e invertendo seu modo de vestir, em parte oposta do corpo. Não fui apresentado ao rosto de tal artesão, mas com a exibição de tanta criatividade, não sei não, talvez se tratasse da mesma pessoa...

### **Um profeta do óbvio**

“Corridas de leito”, qual médico não as conhece? Há de todo tipo, desde aquelas do tipo Fórmula I, rápidas, exibidas e barulhentas, até algumas que lembram as procissões da semana santa, lentas, com ladainhas intermináveis e não poucas frases em alguma língua morta e incompreensível para o comum dos mortais. Mas uma coisa é certa: as corridas são (ou foram algum dia, não sei a quantas anda tal costume) instrumento essencial de aprendizado na medicina. Ali é o médico e o paciente; o texto e a realidade; o professor e o aprendiz – tudo frente a frente.

É bem verdade que há os que exageram em exibições pirotécnicas e palavrosas, que mal e mal disfarçam o fato de apenas fingir sabedoria, ou denunciar incorrigível vaidade. Já outros partícipes, sem dúvida mais sábios, com poucas palavras dizem tudo. E há até mesmo aqueles que são capazes de confessar sua ignorância e convidar a todos os circunstantes a buscar os livros e aprofundar seu conhecimento. Creio que estes últimos devem ser realmente os melhores, mas são do tipo mais raro em tais certames.

Já assisti de tudo em tais maratonas. Lembro-me, por exemplo, já nos meus tempos de preceptor em Uberlândia, de um aluno ou residente que apresentava à beira do leito um caso e que era insistentemente interrompido pelo paciente, que lhe dizia: não é bem assim, doutor. Até que o apresentador não se conteve e pediu que o insistente ficasse calado. Pode? Pois é... De outra feita, um paciente, ao ver a chusma de doutores e estudantes em volta dele, pediu que alguém lhe arranjasse um copo d'água, pois tinha muita sede. Nenhuma reação no conjunto... Novo pedido. Um dos alunos procurou, em volta – e debalde – a “enfermeira”, seja quem fosse e a qual categoria pertencesse, como se só uma pessoa assim pudesse resolver tão angustiante situação. Até que o condutor do séquito, no caso, eu mesmo, tomou a providência cabível. Foi assim que interrompi a cerimônia e me dirigi à copa vizinha, voltando de lá com o precioso líquido, que foi sorvido prazerosamente, entre muitos muito obrigado, por parte do infeliz sedento. Os membros da procissão certamente acharam aquilo bastante insólito e me olharam

como se eu fosse um ET recém-chegado à Terra. Coisas do mundo médico...

Mas eu tenho uma história gloriosa para contar sobre os tais périplos hospitalares, em um caso no qual fui apenas um observador, nem celebrante nem acólito. Quem de fato importa é o personagem principal, que logo apresentarei.

Na ocasião eu era quintanista de medicina e já sapeava uma enfermaria do Hospital Carlos Chagas, a chamada clínica de “doenças tropicais” da Faculdade de Medicina. Ali as corridas de leito eram levadas a sério e delas participavam a maioria dos docentes, inclusive luminares do porte de um Jayme Neves e de um Oscar Versiani Caldeira. O hospital era também campo de estágio da residência de Clínica Médica do Hospital de Clínicas da UFMG, situado em prédio vizinho. Um dos residentes notáveis naquela época era Antônio Cândido de Mello Carvalho, filho de Dr. Sylvio Carvalho, eminente cardiologista e também docente da faculdade e irmão de Tavito, que tinha sido meu colega no Colégio Estadual e até hoje é lembrado como músico, por ter participado da banda que acompanhou Milton Nascimento nos primeiros tempos, o Som Imaginário. Quem ainda se lembra daquele “sem querer tu me lembras, uma rua e seus ramalhetes”? Pois então, a letra e a voz são de Tavito...

Voltando ao nosso herói... Antônio Cândido, que todos conheciam pelo apelido familiar de Cancando, era definitivamente um cara brilhante. Simpático, bem relacionado, ótimo aluno, culto como quê, em termos médicos e extra médicos. Na ocasião em que ocorreu esta história havia na enfermaria do Carlos Chagas uma paciente que estava desafiando os tais luminares. Uma mulher jovem que tinha um quadro de febre alta e intermitente, inchaço no rosto, manchas na pele e grande decaimento do estado geral, sinais que lhe apareciam em surtos. Já tinha sido pesquisado de tudo. As hemoculturas se sucediam, todas negativas. Os demais exames de sangue não levavam a nenhuma conclusão. Radiografias diversas mostravam um organismo sem manchas ou infiltrações. Enquanto isso ela se definhava sobre o leito, ardendo em febre devastadora, entra semana, sai semana, sem diagnóstico preciso e tratamento adequado.

Naquele tempo, havia uma linha de pesquisa forte no Carlos Chagas que se debruçava sobre uma tal salmonelose septicêmica prolongada, com direito até a sigla própria, SSP, quadro supostamente associado à esquistossomose mansônica, que provocava alguns sintomas semelhantes àqueles da pobre mulher. Mas para ser a tal SSP tinha que ter hemocultura positiva – e não era o caso. Por falar nisso, não sei que fim levou esta doença. Como estou fora da clínica há muitos anos, o fato de eu nunca mais ter ouvido falar nela pode não significar que a mesma tenha desaparecido, mas sinceramente acho que esta seria uma

possibilidade, pois como todo mundo sabe, na medicina as coisas costumam aparecer e desaparecer a partir do nada – ou, na pior das hipóteses, serem desacreditadas.

Então se passaram algumas semanas com este diagnóstico pré-fixado na cabeça de todos, mas totalmente não corroborado pelas evidências. Os luminares já arrancavam os cabelos. Aí entra nossa personagem principal – e eu assisti de perto o que aconteceu. Cancando estava recém-chegado ao Carlos Chagas, como residente, e me parece que ainda estava se familiarizando com os pacientes. Talvez ainda nem conhecesse profundamente o misterioso caso daquela mulher febril, manchada e de pauperada, tão sofredora. E naquele dia, estavam todos os sábios ali, sérios, circunspectos. Os verborrágicos e os exibidos bem discretos neste dia – e nem era para menos. Dizer o quê?

Foi aí que o Cancando saca do nada a sua cartada: mas isso não é lepra, gente?! E era... Um surto leprótico, dito virchowiano, daquela lepra, depois hanseníase, tão manjada no Brasil. Mais “tropical” e mais típica, impossível... Coisa vulgar na clínica, verdadeira figura de livro. Só não via quem não quisesse ou estivesse a procura de chifres em cabeça de cavalo... Enfim, cultura médica e bom senso: combinação essencial!

Nota final: Cancando virou cardiologista e foi também professor de Clínica Médica na Faculdade e mais tarde Pró (ou Vice) Reitor da UFMG. Morreu bestamente dentro de um avião, antes de fazer 40 anos, com uma coronária entupida. Mas deixou lembranças boas em muita gente. É ele uma das minhas influências médicas e pessoais mais fortes.

### **Ter saúde é ter projetos**

A frase que serve de título a este texto foi proferida por René Dubos, um médico e cientista francês que ganhou o Prêmio Nobel de Medicina na década de 60. Confesso que conheço poucas máximas mais acertadas do que essa. A este respeito, tenho uma bela história para contar sobre o assunto, referente a um grande amigo de Uberlândia, falecido há muitos anos: José Virgílio Mineiro. Antes de narrá-la, porém, creio que seria melhor apresentar o personagem, já que as novas gerações de Uberlândia, além de meus queridos leitores, pouco ou nada sabem dele.

Virgílio Mineiro, como era conhecido, era médico, formado na minha antiga faculdade de BH, natural de Ouro Preto e trabalhou em Uberlândia desde sua formatura na década de 30. Ali exerceu a especialidade de radiologista, destacando-se na investigação das doenças do esôfago, principalmente do chamado mal do engasgo (ou megaesôfago), um componente da doença de Chagas que matou ou inutilizou muitas pessoas nas regiões endêmicas. Depois de mais de

duas décadas na radiologia, Virgílio foi trabalhar no controle da hanseníase (lepra), uma vez que os aparelhos de RX da época traziam grande perigo aos que os manuseavam e já o estavam molestando com queimaduras por radiação.

Em tempo: Virgílio foi também militante político do antigo PCB e como tal foi eleito para uma cadeira na Câmara de Vereadores de Uberlândia nos anos 40, tendo sido um precursor da legislação sanitária municipal. Recebeu homenagem de Suas Excelências, mas só muito tempo depois de morto, sendo dado seu nome a um viaduto e a uma unidade de saúde, no bairro da Lagoinha, onde residia, à época, grande parte de seus pacientes hansenianos.

Vamos então à nossa história. Nos anos 70, Virgílio foi visitar um filho, também médico, que morava nos Estados Unidos e aproveitou para fazer um check-up. Na ocasião foi-lhe diagnosticado um câncer no intestino. Utilizando-se do proverbial pragmatismo norte-americano, o filho recomendou-lhe cirurgia radical, executada sem maiores delongas. De volta a Uberlândia, portador de uma colostomia temporária e sem maiores garantias de cura do tumor maligno, resolveu tomar iniciativas em relação à vida, já suficientemente movimentada. Reformou sua casa, construiu um enorme viveiro para colibris, adquiriu equipamento fotográfico de última geração e começou a fotografar aves, paisagens, árvores e pessoas, ganhando inclusive sucessivos concursos de fotos artísticas.

O homem estava com câncer e tinha muitas incertezas sobre sua saúde. Mas uma coisa lhe era certa: seus projetos mais estimados precisavam ser iniciados ou continuados. Poderia ser chamado de “doente” alguém assim?

A história oferece muitos outros exemplos. De passagem, posso me lembrar de Betinho, Teotônio Vilela, João Paulo II, Darci Ribeiro, Mario Covas, José de Alencar, Cazusa e tantos outros. Gente de quem a doença não retirou a vontade de fazer as coisas acontecerem.

Isso me traz pelo menos uma reflexão, que compartilho com meus leitores. Os médicos precisam valorizar os projetos dos seus pacientes! Que tal se passassem a incluir em seus interrogatórios uma simples pergunta: que projetos você tem para sua vida? A partir daí se poderia, quem sabe, levantar e programar como parte do tratamento dessas pessoas – com a ajuda de outros profissionais – o desenvolvimento de tais projetos pessoais, fossem artísticos, afetivos, turísticos, intelectuais, militantes ou outros. Um enorme benefício seria oferecido para tais pacientes, com certeza. O pressuposto é claro: quem tem projetos em vista possui, pelo menos potencialmente, muito mais saúde do que quem não os tem e disporá, por isso mesmo, de mais razões para continuar vivo e se cuidando, ajudando assim os médicos e suas

balas milagrosas se tornarem de fato mais efetivos. São coisas das quais deveria dar conta uma nova formação médica, que, infelizmente, ainda engatinha ou esbarra em preconceitos e incompreensão no ensino médico de nosso país.

### **Bons alunos**

Tive muitos alunos na vida. Numa conta rápida, considerando os quase trinta anos que me dediquei às salas de aula, talvez tenham chegado a mais de três mil. É claro que não me lembro de todos, só de alguns: os muito bons e os muito ruins, embora faça força para não me lembrar destes últimos. Da vasta parcela intermediária não tenho quase nada a dizer. Mas não posso deixar de falar de alguns daqueles que se destacaram de forma positiva.

O que eu chamo de um “bom aluno”, que fique claro, não é apenas aquele que consegue notas altas ou se mostra esforçado. Isso também conta, mas esta categoria tem que incluir o quesito “empatia”, seja comigo ou com o entorno escolar e acadêmico. E contam ponto aí os curiosos e os inquietos em geral.

Tenho uma pequena galeria de tais tipos para mostrar – e o faço com todo orgulho. Antes de começar. Alguém assistiu o filme *Invasões Bárbaras*, do diretor canadense Denys Arcand? Há nele uma cena marcante, protagonizada por professor e alunos, que muito me emocionou e me fez pensar; aliás, digo mais, ela me fez apressar os procedimentos para minha aposentadoria. Em tal cena, o personagem Remy, um professor universitário da área de Humanas, em seu leito de morte, relembra cena de uma aula. Ele procurando mostrar entusiasmo com o que ensinava, enquanto eles, os alunos, encaravam-no com um olhar gélido, que lhe atravessava o corpo e ia se perder pelas janelas. Nesta hora, para mim, não só os ditos “maus” alunos, como a vasta multidão dos “intermediários” compareceram.

O fato é que tal cena, na verdade, também me fez lembrar daqueles discípulos realmente bons, poucos, mas inesquecíveis. Falarei de alguns emblemáticos aos quais se pode aplicar, sem reservas, o qualificativo de *bom aluno*, por acumularem predicados de seriedade, competência, solidariedade, simpatia pessoal e, principalmente, empatia com este velho professor.

- **Lindioneza Adriano Ribeiro**

Ela foi minha aluna no curso de Medicina de Uberlândia, na virada dos anos setenta para os oitenta. Vinha do norte de Goiás, depois Tocantins. Porto Nacional, se não me engano, era a sua cidade. Moça pobre, tinha tudo para não chegar a uma universidade pública, como chegou, de maneira brilhante. Trabalhou, na juventude, como doméstica e babá, enquanto estudava em escolas públicas. Estudiosa e

esforçada como poucos. Conquistou-me, especialmente, pelo interesse que tinha naquilo que era a minha nova opção profissional, a saúde pública. Foi monitora da disciplina que eu ministrava, junto com Melicégenes Ambrósio e outros, a chamada Medicina Preventiva, embora seu real interesse estivesse em área próxima, a clínica dita “tropical”. Como se vê, carregava consigo este avatar, certamente relacionado com suas origens rurais.

Na época, um grupo de quase extraterrestres da UFU preparava um projeto comunitário no bairro Jardim Brasília, em Uberlândia. Nossa personagem era apenas terceiranista, mas participou daquilo tudo com afinco e dedicação, mesmo daquelas reuniões comunitárias intermináveis, como “gente grande”, que na verdade já era. Foi aí que a conheci melhor e me tornei seu admirador.

Formada, fez sua pós-graduação no Instituto Butantã, em São Paulo, se doutorando no tema dos acidentes ofídicos. Quando obtive minha transferência da UFU para a UnB, Lindioneza prestou concurso e assumiu a vaga deixada por mim, o que me honrou muito. Namorou, durante todo o tempo do curso, e acabou se casando, com seu colega de turma, igualmente brilhante, Miguel Tannus Jorge, outro de meus orgulhos, embora eu não fosse tão próximo a ele quanto era da companheira.

Já na maturidade, Lindioneza revelou outra faceta de seu enorme talento: resolveu se dedicar à natação e não foram poucas as medalhas que recebeu na categoria sênior. Talvez tenha atravessado a braçadas, muitas vezes, o seu rio Tocantins atávico. Em sua vida acadêmica envolveu-se com atividades tão diversas como, ética em pesquisa, documentação e informática médica, informações hospitalares, atenção a pessoas vítimas de violência.

Em 2009 a indesejada das gentes a levou, com poucos cinquenta anos de idade. Como dizia Brecht existem pessoas boas, ótimas e imprescindíveis. Lindioneza fazia parte deste último grupo, com certeza. Saudades.

- **Antonio Carlos Miziara.**

Ele estudou medicina também em Uberlândia, sendo de turma anterior a de Lindioneza. Uberabense, filho de família importante e bem aquinhoada, primava pela discrição e elegância nos gestos e na aparência. Ele era capaz de estar em algum lugar, acompanhando seu mestre – e eu fui um deles – em um consultório, por exemplo, sem que sua presença fosse notada, a não ser quando solicitado a falar ou intervir, o que ele fazia com delicadeza e competência.

Um dia ele tinha me aparecido, de repente, no ambulatório que eu atendia como parte de minhas atividades na Faculdade de Medicina da

UFU. Eu já o conhecia da sala de aula, mas não me lembro de tê-lo convidado a atender comigo; ele simplesmente chegou ali e ficou, como se já fizesse parte daquilo tudo. Não veio almejando vínculos formais, do tipo estágio ou monitoria, mas apenas me acompanhava no atendimento, demonstrando algo que assisti bem poucas vezes em minha vida universitária: o interesse em aprender, a curiosidade e o desafio provocados pelo novo. E, principalmente, a atitude respeitosa, sem ser subserviente, de saber aproveitar a oportunidade que um docente e médico mais experiente lhe facultava. E chegava sempre antes de mim.

Pois bem se ele tirou proveito de nossa convivência, acho que eu também devo muito a ele, que me estimulou na atividade clínica, o que fez muito bem para a minha autoestima. Fez toda sua formação em Uberlândia, residência em Clínica Médica inclusive, período em que aprofundamos nossos laços, embora eu já estivesse com um pé do outro lado do muro, ou seja, na saúde pública. Aprofundou-se na Oncologia, uma especialidade sob medida para alguém tão responsável e compassivo como ele. O concurso – e a aprovação – para docente no Departamento de Clínica Médica foi um caminho natural que o mesmo seguiu.

Um dia – voltas que o destino dá – mudou radicalmente sua rota, indo trabalhar em cidade distante. Desgostos afetivos, ao que parece. Seus olhos azuis, bondosos e calmos, ainda lampejam em algum lugar. Pena que nunca mais o vi e nem sei o que fazer para fazer chegar até ele os meus presentes elogios.

- **Luiz Siqueira Filho**

Luizinho era um sujeito muito querido por todos ao seu redor, foi contemporâneo de Antnio Carlos. Uberlandense, miúdo, cabelinho cortado rente, olhos vivos e orelhas em abano, sempre preparadas, ao que parecia, para captar o mundo a sua volta. Filho de família modesta, via-se, por seus trajes, fala e hábitos. A vida universitária devia representar um sacrifício material razoável para ele e para os seus. Apareceu também, do nada, para me acompanhar no atendimento, independentemente de qualquer vínculo que não fosse o de colaborar e aprender. Não era um intelectual da medicina, mas o que realmente importasse ao diagnóstico e tratamento de doenças era com ele mesmo. Sabia de tudo! E tinha uma maneira especial de interagir com os pacientes, que viam nele mais do que um doutor, um igual, sem deixar de respeitá-lo e escolhê-lo, entre tantos. Assim como seu colega Miziara também fez concurso e se transformou em professor, na área de Semiologia, creio. Tão poucas palavras talvez não façam justiça a este pequeno grande homem. Mas ele vive na minha memória afetiva e certamente naquela de muitos mais que com ele interagiram e

usufruíram de seus conhecimentos, seja como pacientes ou como alunos.

- **Michele Lessa de Oliveira**

Aluna do curso de Nutrição na Universidade de Brasília, Michele trabalhou comigo na disciplina de Introdução às Práticas de Saúde como monitora formal. Não será por acaso que a maioria dos meus monitores vinha de outra área, que não a Medicina, na qual a simpatia pelo que eu ensinava era um tanto escassa, para dizer pouco. Curiosa, atenta, dedicada, solidária – para resumir suas variadas qualidades em poucas palavras. E muito inteligente também. Tinha uma capacidade incrível de adivinhar meus pensamentos e muitas vezes quando lhe pedia alguma coisa, tinha a surpresa de já vê-la pronta.

Tinha desde então um companheiro ideal, Jorge Oliveira, igualmente solidário e amigo, que ela não titubeava em envolver em suas atividades de monitora, com o que ele aquiescia prontamente, gente boa que também era. Em 1997 me ajudou a realizar a primeira pesquisa sobre a situação de saúde no Entorno do DF, com financiamento da OPAS. Algumas dessas viagens fizemos juntos, para ajustar o instrumento de investigação, mas a maioria foi ela mesmo quem fez, de ônibus ou com a ajuda inestimável do “seu” (dela...) Jorge, como motorista ocasional.

Ajudou-me, também, em horas vagas a compor um livreto sobre as memórias registradas em papéis avulsos, a mim entregues dentro de uma casa de camisa, ao qual denominei de “*Chamando o Juca*”, dado o personagem das mesmas, um primo idoso de meu pai que vivia em Brasília. Mas não é só: Michele fez e ainda faz uma carreira brilhante como profissional de nutrição, exercendo cargos na OPAS, na Presidência da República, bem como nos Ministérios da Saúde e do Desenvolvimento Social.

Michele é a prova viva das palavras de Guimarães Rosa: *mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende*. E como eu aprendi com esta moça; salve ela!

### **Nina Fonseca**

Ela é enfermeira. Sua história comigo é bem parecida com a de Michele. Filha de médico, tinha tudo para ser dondoca. Mas escolheu outro caminho. Uma gestação precoce, no meio do caminho de estudante, não lhe cortou a fibra. Foi mãe e aluna com igual competência. Ajudou-me muito no dia a dia das aulas, não só com as alunas de enfermagem como de outros cursos. Depois de formada passou algum tempo nas bordas de sistema de saúde do DF, como convém a um bom profissional de saúde. Só depois achegou-se ao centro da máquina. Hoje é professora no Curso de Enfermagem da Escola Superior de Ciências da Saúde, no DF. Tem um carinho especial pela minha pessoa, que é

recíproca. O que mais me honra são seus convites para participar de atividades didáticas na faculdade onde leciona.

- **Simone Ardenghi Coelho**

Esta dentista foi minha aluna no curso de pós-graduação em Odontologia social coordenado pelo meu amigo Carlo Zanetti. Junta todas as qualidades dos citados acima e mais uma: a maturidade profissional que trazia desde o primeiro momento que nos conhecemos. Foi mais voluntária do que propriamente monitora, mas me ajudou, o mais das vezes desinteressadamente, em várias atividades de consultoria profissional com que estive envolvido. Sempre atenta e altamente especializada em captar rapidamente o que eu estava pensando.

Simone era dentista do quadro de uma repartição pública federal em Brasília e, como fruto de sua formação em odontologia social, levou a cabo uma investigação sobre o modus operandi dos serviços odontológicos terceirizados que ali eram prestados, nos quais se revelou um caso clássico de roubalheira e mistura do interesse público com o privado. Sofreu ameaças diversas e acabou se mudando de Brasília, pedindo remanejamento para a cidade para onde o marido também estava sendo transferido. Perdi o contato com ela, até que, recentemente, em procura na internet, descobri que Paulo, seu companheiro de vida, era agora credor de um auxílio funeral ou pensão, pois Simone havia falecido. Nunca soube o que lhe aconteceu de verdade, embora tenha tentando descobrir.

Lembrança inapagável de tal criatura: certa vez, em visita à casa de uma pessoa da família, no interior do Rio Grande do Sul, prestes a ser demolida, ela resgatou do porão da moradia um velho tratado de medicina familiar, ilustrado e muito bem conservado, que me deu de presente e o qual guardo comigo com todo cuidado. Assim era ela. Viva Simone!

### **O morto que estava vivo**

Naquele tempo, anos setenta, eu me esfalfava para fazer coisas marcantes, naquele ímpeto de inovação, às vezes precipitação, de que já falei antes. Uma das manias era trazer a Uberlândia gente que pensasse e falasse algo realmente diferente ou, pelo menos, fora do padrão habitual da cidade e da faculdade. Foi assim que veio ter conosco, por exemplo, Carlos Gentile de Mello, do qual já falei antes.

O personagem de agora é João Carlos Pinto Dias, um sujeito que, quem o conhece sabe, sabe que é um personagem e tanto. Eu o conheci alguns anos antes em BH, através de um acontecimento curioso. Eu saía de BH – pedindo demissão da UFMG – para ir trabalhar como médico no canteiro da obra da usina de São Simão. Ele veio fazer o

concurso para minha vaga depois ter passado alguns anos exatamente em um emprego similar, na obra de Ilha Solteira, entre São Paulo e Mato Grosso.

João Carlos era um tropicalista de estirpe. Filho de Emanuel Dias, um dos precursores da pesquisa em Doença de Chagas em Minas, Neto de Ezequiel Dias, outro cientista famoso na área de doenças tropicais, que havia sido amigo e colaborador do próprio Carlos Chagas e de Oswaldo Cruz. O pai tinha trabalhado muito anos na região do Triângulo, muito endêmica para o T. cruzi e as diversas espécies de barbeiro, e deixara muito amigos na região. Aliás, falecera em um acidente de carro na rodovia entre Uberlândia e Araguari.

João Carlos havia se formado em Ribeirão Preto. Aliás, nem nascera em Minas, mas sim no Rio de Janeiro, de onde era originária a família do pai e do avô. Mas quem o visse ou conversasse com ele teria certeza de estar falando com um mineiro completo, de raízes seculares. Isso se explicaria facilmente, em primeiro lugar, pelo fato concreto de ele ter sido criado, em parte de sua vida, em Minas, inclusive na cidade de Bambuí, onde o pai fora montar uma sucursal do Instituto Oswaldo Cruz, mas também dada a versatilidade e capacidade de adaptação e empatia que eram naturais e espontâneas nele.

A escolha deste amigo para vir a Uberlândia tinha justificativas. Além de suas ligações afetivas com a cidade e com a região, João era portador de um discurso que caía como uma luva nos meus propósitos e dos colegas que o convidamos, pois sabia enunciar, de forma muito articulada e coerente, um discurso onde se juntavam – como se nunca tivessem sido separadas – ciência e política. Nessa ocasião, estávamos em plena ditadura, com Geisel no comando e o famigerado Decreto 477 em vigor. Um passo em falso e uma guilhotina poderia se despencar sobre o pescoço do incauto. Mas o nosso destemido professor e pesquisador não estava nem aí, dava seu recado e pronto! E não nos decepcionou.

O fato curioso que me dispus a narrar aqui foi o seguinte. Após ser apresentado por mim ao público, formado por estudantes e professores da UFU, João Carlos se estendeu nos agradecimentos e reverências aos antigos companheiros de seu pai ali presentes, particularmente Miron de Menezes, cardiologista ainda ativo na cidade e professor da Faculdade. Lembrou-se de outros nomes ausentes, alguns já falecidos, para homenageá-los também. E em tal leva de mortos incluiu José Virgílio Mineiro, que também tinha convivido com o pai e se tornado um grande amigo e colaborador dele. O problema é que Virgílio não havia falecido... E mais do que isso: estava presente ali no auditório! E quem desfez o equívoco foi o próprio homenageado in memoriam. Gaiato e comunicativo que era, Virgílio levantou de sua poltrona e anunciou, em alto e bom som: *eu não morri, eu estou aqui!* Risos gerais.

João Carlos se saiu muito bem: desceu imediatamente do palco, caminhou até Virgílio, na parte de trás do auditório, e o trouxe pelo braço até a mesa, convidando-o a ficar a seu lado durante a palestra, incluindo o convite a Miron também. Pediu muitas desculpas e tudo acabou em risos e confraternização, como convém a pessoas tão especiais.

- **O mel da amizade**

Este foi meu amigo e parceiro de projetos na Universidade Federal de Uberlândia. Sua formação, na USP de Ribeirão Preto, era em pediatria, mas chegando a Uberlândia, onde tinha raízes familiares, teve de se adaptar às necessidades da nova faculdade de medicina ali criada e foi dar aulas do que então se chamava de Medicina Preventiva. Eu o conheci logo na minha chegada, em 1975, e com pouco tempo de convívio ficamos amigos. Nossa proximidade se dava, sobretudo, em relação aos temas de que ministrávamos disciplinas, ele na Medicina Preventiva e eu nas Doenças Infecciosas e Parasitárias.

Não chegamos a ser íntimos, pois ele era um sujeito mais introspectivo, mas acredito que sempre tivemos um pelo outro grande simpatia e confiança. Um belo dia, resolvi convidá-lo para fundir nossas disciplinas, formando uma nova matéria, em que se juntariam a prevenção e a cura. Ele, um tanto cauteloso, resistiu a princípio, mas acabou por aceitar a ideia e trazer muitos aportes. Criamos, assim, algo inédito, chamado PCDT (Profilaxia e Clínica das Doenças Transmissíveis), nome que hoje me parece um tanto canhestro, mas que na época representou inovação, sem dúvida, dado o cenário de cada qual no seu cercado que imperava na faculdade (e nos demais cursos de medicina do país, diga-se de passagem).

Acho que já falei disso aqui. Desculpem se repito, mas o personagem merece. Pela primeira vez, também, pesquisamos juntos, com a ajuda de um monitor, Ricardo Borges, o cenário da mortalidade na cidade, publicando, em 1979 ou 80 um opúsculo que também se tornou referencial, além de ser completamente inédito, sobre tal tema. Já desde então demonstramos que o problema das doenças cardiovasculares, liderado até então pela alta incidência de doença de Chagas, estava cedendo vez, rapidamente, para as mortes violentas, principalmente no trânsito.

Melicégenes – “gerado no mel” – é uma doçura de pessoa. Sua passagem por Ribeirão Preto, ao contrário de outros egressos de lá que conhecíamos, não alterou em nada seu jeito simples, humano e gentilíssimo de tratar as pessoas, fossem colegas, alunos ou pacientes. Tive oportunidade de entregar aos cuidados dele um dos meus filhos, Flavinho, e era confortador assistir sua dedicação e sua parcimônia terapêutica, além de seu talento educativo em relação às famílias das

crianças que atendia. Uma rara unanimidade se criou em torno dele – da variedade do bem!

Devo a ele uma fineza especial: quando me separei de Eliane, ele me procurou para saber o que se passava e me deu muitos conselhos (que não atendi...), mas demonstrou assim a intensidade do carinho que dedicava a mim. Para fazer justiça, apenas, outro colega também fez isso – e só ele mais – Samoel de Castro.

Melicégenes era sempre homenageado pelas turmas de medicina. De certa feita lhe deram a comenda de “Cruz de Mérito”, que certamente traduzia uma contradição, entre uma matéria que não era apreciada, em definitivo, pelos alunos, e o mestre encantador que a ministrava.

- **Da Pauliceia aos sertões de Goiás**

Dele já falei algumas palavras, quando me referi ao impacto que causou em mim a saga dos jovens médicos paulistas que, nos anos 60, se embrenharam nos sertões do Norte Goiano, em Porto Nacional. Pedro, assim como Melicégenes, são os exemplos mais concretos de pessoas em torno das quais existe total unanimidade, só que altamente positiva. De Porto Nacional, Pedro, abalado por um drama pessoal, veio para Brasília trabalhar na Sucam, autarquia federal de combate a doenças endêmicas. Ali ele se notabilizou como técnico de conhecimento profundo, principalmente nas doenças zoonóticas, sempre respeitado e infenso às politicagens que cercavam o órgão.

Recentemente estive na Universidade de Brasília para fazer parte de um evento muito especial, quando este meu amigo recebeu o título de professor emérito da UnB, honraria concedida a poucos. Na ocasião, muitos elogios foram feitos a Pedro, principalmente pelo colega formalmente encarregado disso, Mauricio Pereira, também epidemiologista e amigo de Pedro há muitos anos. Aos encômios de Mauricio não tive nada a acrescentar; só poderia fazer coro – e com muito prazer, além do sentimento de compartilhá-los inteiramente, “em gênero, número e grau”.

Entretanto, creio que ficou faltando dizer, na ocasião, alguma coisa mais. Os que o homenagearam – e ele próprio – foram econômicos em relação àquele fato da vida de meu amigo que eu sempre achei muito marcante e já comentei aqui nestas memórias. Volto à história: em 1967 ou 1968 eu cursava os primeiros anos de Medicina na UFMG e como todo estudante “normal” tinha grandes dúvidas sobre o que gostaria de fazer depois de formado. Não que fosse assunto premente, eu ainda tinha pelo menos cinco anos de faculdade pela frente. Mas de alguma forma aquilo me repercutia na mente. Foi assim que abri uma revista médica, creio que a famosa “O Hospital” (que já não mais existe)

e me deparei com um artigo diferente daqueles relatos de casos e provas terapêuticas tão comuns nas revistas médicas de então e de sempre.

No texto, assinado por quatro ou cinco autores, se narrava a epopeia daquele grupo de médicos, formados recentemente pela tradicional Faculdade de Medicina da avenida Doutor Arnaldo, ou seja, da USP, epíteto para quem está acostumado ao jargão médico. Esses moços e moças haviam optado por sair do grande centro onde se formaram para cair na realidade do Brasil profundo. E foram dar em Porto Nacional, então Goiás, hoje Tocantins. A cidade era pequena, remota e acima de tudo, pobre e inculta. Ali se incorporaram ao hospital já existente da extinta Fundação SESP e começaram a lida. Faziam de tudo, para todas as idades e condições. Algumas das esposas eram de outras áreas técnicas, mas logo se incorporaram ao trabalho em saúde. Tinham o apoio dos visitantes domiciliares da Fundação SESP.

Em pouco tempo os tais paulistas já tinham se articulado com a comunidade, participando de reuniões, cursos, treinamentos, visitas domiciliares e atendimento, tanto na zona urbana como rural, até então não assistida. Mais do que uma articulação técnica aquilo passou a ser uma integração vivencial, um vínculo robusto. Certamente as dificuldades não foram poucas, entre elas as dificuldades de aceitação pelos próprios médicos que lá estavam, a desconfiança dos políticos, a cultura vigente em relação à saúde e ao trabalho em equipe etc.

Mais tarde passaram também a receber alunos de medicina da Universidade Federal de Goiás. O estágio em Porto Nacional passou a ser um privilégio disputado pelos estudantes. Alguns foram, gostaram e acabaram ficando por lá. Eu fiquei encantado, embasbacado com aquilo. Pensava: queria algo assim em minha vida profissional. Não o consegui de imediato, entretanto. Os compromissos de época de formatura – eu já era casado – acabaram me fazendo ficar em BH mesmo. Até que, dois anos depois, cumpri parte do que aquela influência especial me colocou na cabeça, partindo para o interior, para ser clínico. Mais dez anos e eu dei um novo passo adiante: fui fazer um curso de especialização em Saúde Pública, na ENSP, Rio de Janeiro – e minha vida nunca mais foi a mesma.

Só posso dizer o seguinte, para resumir a admiração que tenho por Pedro Tauil: muito obrigado ao cientista, ao pesquisador, ao professor, ao gestor que tanto me influenciou e, principalmente, ao grande amigo que ele é.

### **Mestres para a vida**

Esta minha lista não tem só aquela gente unanimemente simpática, embora isso não deixe de ser um bom requisito. Mas certamente representa uma combinação de sabedoria, tanto de conhecimentos

específicos, técnicos e humanos, como lições de vida. Nela estão pessoas que foram capazes de ensinar e influenciar, positivamente, minhas opções profissionais e humanas na vida, e também as de outras pessoas. Vamos a eles.

**Carlo Américo Fattini.** Este merece encabeçar a lista. Fattini era professor de Anatomia. Devia ter, na época, trinta e poucos anos. Um grande carisma, mas não daquele tipo que faz força para conquistar os alunos, mas sim dos que apenas deixam fluir sua atenção e recebem com tranquilidade e paciência o gesto e a palavra do interlocutor. Tínhamos aula em pequeno grupo com ele e, ao lado daquelas conversas áridas sobre o nervo vago e a veia porta, nos falava coisas pouco habituais, tais como, das maneiras de evitar o mau hálito e dos modos corretos de tratar nossos afetos. Disso dava exemplos concretos, pois em algumas ocasiões era visitado por sua companheira, Natália, na sala de aula, que vinha lhe dar algum recado ou pegar um livro (ela era médica) e fazia questão de nos apresentar e falar dela sempre como “minha amada”, “mulher de minha vida” e coisas carinhosas assim.

Grande Fattini! Demonstrava grande simpatia por mim e Eliane. Quando nos via conversando nos intervalos, ou dissecando o “nosso” cadáver até mais tarde, já a sós no grande anfiteatro do andar térreo, tinha sempre uma brincadeira conosco, que acabou se revelando profética: isso vai acabar em casamento. Ele deve ter assistido em sua carreira na Faculdade inúmeros casos assim, inclusive o seu próprio, acredito.

Fattini foi convidado especial para as nosso casamento, que aconteceu quatro anos depois, em 1971. Ele é hoje muito conhecido por ser autor, com José Geraldo Dangelo, outro de nossos notáveis professores da época, de um Tratado de Anatomia Humana muito recomendado nas escolas de medicina. Não precisei ter contatos permanentes com ele para continuar o admirando pela vida a fora.

**Gladstone Rodrigues da Cunha Filho** era pouco mais velho do que nós. Assistente da cadeira de Histologia, na qual o titular era Nello Rangel, filho do escritor Godofredo Rangel e pai do famoso artista plástico mineiro, Nello Nuno. Gladstone era a sapiência em pessoa, sabia tudo (e mais alguma coisa) de sua matéria. Alguns diziam que ele até havia superado o Mestre, que o tratava com grande respeito, em que era correspondido, aliás.

Gladstone tinha um modo teatral de dar suas aulas, sem perder a fleuma. Sua descrição do câncer era um primor: “mitoses loucas, atípicas, arquitetura tecidual subvertida...”. Por conta de seu carisma e dedicação, alguns de nós chegamos até a antecipar nossa opção de carreira, atraídos pelo que então se chamava “ciência básica” – vocações nem sempre confirmadas, entretanto. Algum tempo depois Gladstone se

transferiu para Uberlândia, sua terra natal, sendo um dos fundadores da escola médica onde eu e Eliane viemos a trabalhar, por convite dele e por ele recebidos diretamente. Ele foi Reitor por duas vezes da Universidade Federal de Uberlândia e exerceu vários cargos no MEC e na OPAS, em Washington. Tive a honra de tê-lo como meu sucessor na Secretaria Municipal de Saúde, tempos depois.

Gladstone, filho tinha naturalmente um Gladstone, pai, que merece entrar a presente galeria de notáveis. Este foi uma das pessoas mais perspicazes e inteligentes que conheci, dono de uma simpatia fora do comum, que fazia a todos ansiarem por se tornarem íntimos dele. Acho que consegui. Recebi dele um dos conselhos mais preciosos de minha vida. Eu querendo comprar uma terra, levei-o para ver uma propriedade que estava à venda. Olhou tudo, conferiu cada detalhe, chegou até a cutucar com a ponta da botina a terra do pomar, para ver sua substância. Mas sem dar uma palavra. Eu ansioso... No final, olhou-me frente a frente e proferiu sua sentença: “vende as cuecas, doutor, mas compra a terra”. Assim o fiz. E não me arrependi.

**João Amílcar Salgado**, professor de Semiologia, sempre esteve longe de ser uma unanimidade, mas eu fui com a cara dele desde que o conheci. Alguns o criticavam pelo fato de se recusar a tocar nos pacientes, o que não creio ser a inteira verdade. Ele, simplesmente, era partidário radical do raciocínio clínico e das deduções baseadas em evidências. Tinha um conhecimento médico fora do comum, uma memória prodigiosa e enorme capacidade de contar e ilustrar com exemplos curiosos e inusitados suas histórias, fossem elas clínicas ou de vida.

Salgado formou-se mais tarde também em filosofia, opção que era de fato a sua cara. Minhas reflexões sobre os descaminhos da formação médica, já expostos antes aqui nestas memórias, são diretamente inspiradas neste sujeito iluminado. Vai aí uma pequena amostra do pensamento dele, exposto em um texto denominado *Grandezas e Misérias do Pensamento Médico Ocidental*: “A vassalagem maior à indústria da saúde faz da grandeza do cânone científico excelente ficção para programas dominicais de televisão. Pois, mesmo no chamado Primeiro Mundo, há séculos virtuais separando o que diz e propõe a ciência efetiva, de um lado, e, de outro, a miséria do marketing criminoso, a embasbacar multidões com inesgotáveis inutilidades”. Preciso e profundo, não?

Entre muitos escritos, João Amílcar tem um livro inspirador, que talvez tenha sido o maior estímulo para eu estar escrevendo as presentes memórias. Chama-se *O riso dourado da Vila* e nele fala, com foco antropológico e sociológico profundo, além da forma muito bem-humorada, de sua infância em Nepomuceno, no Sul de Minas, bem como de sua trajetória com estudante de medicina e professor na UFMG. Não bastasse tantas coisas que fez, esse um chamado João

ainda foi o idealizador e primeiro coordenador do Museu da História da Medicina Mineira, instalado no prédio da nossa velha Faculdade de Medicina. Ele foi seguido de perto por outro cara notável, o meu colega Ajax Ferreira, o “Homem de Lagoa Santa”, infelizmente já falecido, que deu sua vida e seu sangue pelo referido Museu. Nota dez para estes sujeitos!

O próximo de minha lista é **José de Oliveira Campos**, nosso professor de Clínica Médica, no quarto ano. Na verdade eu havia prestado atenção nele bem antes, quando ia almoçar na casa de minha avó Dodora e o tinha como co-passageiro no ônibus Serra. Um sujeito dez anos mais velho do que eu, muito sério e mesmo sisudo, sempre de paletó e gravata. Mas viajando de ônibus... Dele, o que se dizia é que era um dos caras mais brilhantes de sua área e de sua geração de médicos da UFMG, egresso de uma formação pós-graduada em universidade do Estados Unidos. Talvez se sentisse pouco à vontade com o ambiente meio frouxo que imperava em seu entorno no HC, como descobri depois.

Quando fui seu aluno não só confirmei como expandi meu bom conceito sobre ele, como um dos professores mais brilhantes que tive e, ao mesmo tempo, mais dedicados e responsáveis. Sob sua tutela, na residência médica, esta visão só cresceu. J. O. Campos tinha (e ainda tem) como particularidade o fato de ser capaz de discutir a última descoberta de medicina molecular divulgada pelo New England Journal of Medicine e com igual ênfase e propriedade o Livro dos Espíritos, de Allan Kardek.

No início dos anos oitenta, eu e alguns companheiros da UFU, como Hélio Teixeira e Renato Sologuren, que também haviam sido alunos dele na UFMG, soubemos que havia se transferido para a Universidade de Brasília e que não estaria satisfeito com as coisas por lá. Bateu-nos a esperança de que, quem sabe, conseguiríamos cooptá-lo para vir trabalhar na UFU. E não é que conseguimos trazê-lo, junto com a família? Sua esposa Shilene é uma grande médium e líder espírita em Uberlândia e o casal criou e fez prosperar uma obra social de amparo a crianças e gestantes, de primeira grandeza na cidade.

Conheci um pouco mais e confirmei tudo que pensava deste grande médico, professor e colega quando solicitei que ele acompanhasse, ainda nos anos 70, o tratamento de minha avó Dodora, que estava com um linfoma de natureza muito grave. Ali, na beira do leito dela, eu conheci uma das melhores figuras médicas e humanas com quem já privei.

**Oswaldo Costa** merece uma categoria especial. À primeira vista ele era carismático, mas se fazia de pândego, sem pudor de parecer descuidado, com a aparência e os gestos. Suas aulas de Dermatologia, imperdíveis e impagáveis, só encontraram um correspondente, para

mim, nas famosas “aulas-espetáculo” de Ariano Suassuna. Contava histórias incríveis sobre a medicina e tudo mais, em uma verve inesgotável. Não há adjetivos que sobrem para ele.

Entre outras façanhas, havia sido goleiro do Atlético Mineiro, nos anos 30, quando recebeu o apelido de Perigoso. E explicava o motivo: era reserva e teve que assumir o posto, de forma inesperada, contra o Flamengo, em um jogo no Rio. Neste momento, fechou o gol. No segundo jogo, no qual se decidiria o título, simplesmente aconteceu-lhe algo estranho e inexplicável: ele simplesmente deixou passar dez bolas. Como goleiro, ele era de fato um grande perigo, a ser evitado. E assim abandonou a carreira futebolística, para sempre, dedicando-se à Dermatologia. Contava também que seu pai, que tinha muitos filhos e era pobre, quando algum deles despencava de alguma árvore ou sofria uma queda de cavalo, sua primeira pergunta ao acidentado era: “rasgou a roupa”?

Fiz parte da plateia do que ele chamava de “show dermatológico”, evento anual em que ele, acompanhado de alunos fascinados, nos dois ou três quarteirões que separavam o prédio da Faculdade de Medicina, da Santa Casa, se propunha e alcançava o desafio de diagnosticar algumas dezenas de condições dermatológicas entre os transeuntes no percurso. Nele a pândega era apenas um jeito de ser, que o divertia também. Foi um médico notável e fez descobertas importantes em sua área de conhecimento, emprestando mesmo seu nome a uma síndrome, o que, no meio acadêmico médico, é a maior glória que alguém pode alcançar.

**Cid Veloso.** Eu o conheci desde muito jovem, pois frequentava a casa de seus pais, na rua Monsenhor Horta, bairro do Prado, Belo Horizonte, nos anos 60. Seu irmão, Tiago, era meu colega de Colégio Estadual e Cid, na época, já havia se formado em medicina e era tratado por nós com o devido respeito. Mas acima de tudo era um cara bonachão e muito atencioso com os adolescentes que frequentavam a casa de seus pais, onde ele, já casado e pai de família, não raramente aparecia.

Falar de Cid Veloso me remete a Geraldo Veloso, seu pai. Éramos mais ou menos conterrâneos, ou melhor, a família de meu pai o era. Os Veloso eram de Piumhy e meu pai de Pains, poucas léguas perto. Geraldo era irmão de meu Tio Lécio, casado com Aurea Goulart, irmã de meu avô Zezé. Assim tínhamos também essa aproximação pelo lado da família.

Mas não foi o sangue nem a procedência regional que me aproximou dos Veloso. Foi muito mais do que isso. Geraldo era um autodidata perfeito, dominava o inglês e talvez outras línguas e tinha uma cultura vastíssima. Era contabilista, mas deixara um bom emprego na iniciativa privada para lidar com o comércio de nada menos do que ... livros. Estar na casa da Monsenhor Horta era um prazer, sempre, cheio de

surpresas. Ali conheci livros de arte, grandes romances universais, a obra de Marx, discos de jazz e muito mais. Pela primeira vez ouvi falar de Marx & Engels, que eram cultuados naquela casa. Mas sem proselitismo e radicalismo, pois aquilo ali era um território de livre pensamento, acima de tudo.

Voltando a Cid, ele era cardiologista e lecionava na disciplina de Semiologia. Ele havia criado uma tradição de ministrar, dentro dos conteúdos da “cadeira”, um curso de eletrocardiografia, que era famoso. Muito bem montado do ponto de vista pedagógico, em uma era em que não havia PowerPoint, mas sim projetores de slides, ele intercalava, em meios aos traçados que logo aprendíamos a interpretar, figuras retiradas da arte clássica. Quando surgia uma Pietà, uma Monalisa, uma Banhista ele parava a parte formal para nos inquirir sobre a autoria, o nome do artista, o período em que foi pintada – coisas assim. E às vezes, pura galhofa, inseria ali uma montagem, com corpo de miss e cabeça de um político ou general da ocasião. Magalhães Pinto, por exemplo, totalmente careca, era impagável de maiô. Mas no final, além de informações sobre aqueles complexos QRS e segmentos ST, saíamos de lá repletos de cultura.

Neste tempo Cid era apenas um cardiologista e professor de Semiologia. Era famoso apenas naquele último quarteirão da Avenida Alfredo Balena, onde ficava o Hospital de Clínicas da UFMG. Mas grandes acontecimentos ainda estavam para acontecer em sua vida. Cid foi o primeiro reitor eleito por voto direto na UFMG. Sua gestão se caracterizou pela inovação, amplitude cultural e interdisciplinar da ação da reitoria e democratização da gestão. Eu já não morava mais em BH, mas acompanhei algumas de suas peripécias na gestão universitária, por exemplo, a negociação pacienciosa com os invasores do antigo Hospital Borges da Costa. O desfecho foi a transformação do velho prédio abandonado em residência universitária. Sem tiros, sem bombas, sem prisões.

Entre outras ações, ele trouxe à UFMG, para uma homenagem, ninguém menos do que o Bispo Desmond Tutu, paladino, junto com Mandela, da luta contra o apartheid na África do Sul. Cid, de fato, enxergava longe, muito longe...

Cid ficou viúvo e casou de novo, com a enfermeira Roseni Chompré, uma companheira de sua exata estatura moral e humana. Certa vez, Roseni, com quem trabalhei no Ministério da Saúde, me contou como foi a aproximação dele com ela, apenas colegas de trabalho até então: “você permitiria que eu lhe cortejasse?” Assim era Cid. Roseli faleceu poucos dias depois de Cid, em 2016. Sobre este cara maiúsculo só posso dizer, para não me perder em redundâncias: ele viveu além de seu tempo e fez da vida um exemplo de militância, de tolerância, de

responsabilidade civil. Eu tenho muito orgulho de ter sido seu amigo e de ter frequentado sua família.

Será que não havia também mulheres notáveis na Faculdade de Medicina da UFMG? A primeira conclusão que se pode ter é que a faculdade talvez fosse ainda mais machista que a própria profissão médica, naquela época. De fato, eram poucas mulheres médicas e menos ainda docentes universitárias na área. Mas para não ser injusto, quero registrar a presença de pelo menos uma delas: **Lucia Foscarini**. Ela se tornou nossa amiga, vindo a ser madrinha de minha filha Daniela, algum tempo depois. Lucia era uma pessoa tímida e discreta. Estudiosa como quê! Os amigos brincávamos com ela que a única coisa em que ela não se destacara foi no exame de motorista, tendo tentado o mesmo diversas vezes, sem sucesso. Seu conhecimento clínico era fabuloso. Nossos contatos ocorreram na residência médica, mais precisamente na UTI do quarto andar do HC, onde ela sempre nos surpreendia e encantava com seu conhecimento. Tudo sem alarde, dando sempre ao residente a impressão de que era ele – e não ela – que havia dado a resposta certa ao dilema clínico do momento.

### **Um encontro pra lá de especial**

Falar de tanta gente notável me obriga a incluir na lista o mais notável dos personagens entre todos que encontrei na vida e na faculdade... Um dia, no final de 1971, quando já nos preparávamos para encerrar as atividades acadêmicas, estávamos um grupo de colegas na porta da Faculdade de Medicina. Lembro-me, especialmente, de dois deles, que não me deixarão mentir sobre o ocorrido de então: João Luiz Monteiro e Leonardo Diniz.

Ali, de repente, um grupo de senhores sai pela porta principal, em animada conversa. Alguns deles, velhos professores da faculdade. De repente, um desses homens se adianta aos demais e nos abarca com um abraço imenso, alcançando três ou quatro de nós de uma só vez. E nos dirige a palavra, mostrando no rosto um sorriso que de algum lugar já conhecíamos: *então, moçada, será que esta faculdade é tão boa como era no meu tempo?* Percebemos, encantados, que quem estava ali era uma pessoa muito especial: Juscelino Kubitschek de Oliveira, que visitava a velha escola onde se formara, mais de 40 anos antes.

Custamos a encontrar o que dizer. Eu e Leonardo nos antecipamos aos demais, mas a surpresa e a emoção não nos permitiram formular frases muito inteligentes. Era ele, em pessoa! Estava totalmente fora de circulação naquele momento, constrangido pelos militares, mas quando aparecia em público, era consagrado com todas as honras. Não foi um grande momento? Neste momento, nós caminhávamos para o final, não só do curso de medicina, como da década. Para o Brasil começar a mudar ainda havia muito chão pela frente.

Anos trepidantes aqueles das décadas de 60 e 70: entrei neles menino; saí médico.

### **Gente da saúde pública**

**David Capistrano.** Ele partira, foi a mensagem que recebi numa manhã de domingo, no início dos anos dois mil. Não pude ver seu corpo levado ao túmulo naquela cidade de Santos, que não foi justa com ele. Compreender este cara deveria ser ofício reservado aos amigos, mesmo quando o víamos em grandes cenários e não apenas na moldura de nossa amizade, como personagem da cena sanitária e política do país, na sua maneira quixotesca ou, quem sabe, brechtiana, de quem formulou projetos que foram seguidos por nós e por muitos outros - epitáfio que nos honraria a todos.

Mas como podia ter morrido este sujeito imprescindível, eu me inquiria. Será que morreria, de verdade, quem fez tantas coisas, pensou com tal potência e ainda esteve em tantos lugares? Seja no Recife, no Rio, em Bauru, em Santos, em São Paulo, em Brasília. Trajetória que, por si só, diz bem da dimensão de um lutador notável.

Morria, então, um indivíduo que marcou presença no cenário do SUS e da Reforma Sanitária, incomodando a alguns; parindo tantas ideias; dedicando sua vida à causa de todos. Como acreditar que pode ter morrido quem não sucumbiu nem nos cárceres da ditadura, nem do câncer? Não seria uma insuficiência hepática que iria derrotá-lo...

Entretanto, David Capistrano ainda vive! Não será difícil dar com ele por aí, nas quebradas desse grande Brasil. Vamos procurá-lo nas ruas de Recife e do Rio, no movimento estudantil, nos embates das esquerdas, nas docas santistas, na administração pública e no debate político de sempre, na gestão do SUS, no Conasems, no Projeto Qualis, nas Casas de Parto e nos tantos projetos que este andarilho encarou e levou à frente, sem arroubos, talvez sem ilusões, mas sempre com a visão larga e o compromisso de quem plantou jequitibás, não pés de couve. É por tais caminhos que seguimos com você, pequeno-grande companheiro!

Conheci **Gilson Carvalho**, de perto, um tanto tardiamente, cerca de 1990, quando eu já havia deixado meu posto de Secretário de Saúde em Uberlândia. Dessa época, minhas lembranças são mais vagas, mas certamente detentoras de afinidade com aquele sujeito gordinho, com cara de personagem, ou de autor, parecido com Tolstoi como era. Presente aqui e ali nos encontros da saúde; repleto de energia, entusiasmo e graça; didático e convivente como ninguém; mostrando suas ideias em transparências coloridas, carregando uma eterna e surrada pasta marrom.

Era impossível não prestar atenção no seu tipo e mesmo deixar de gostar dele. Em 1993 estávamos no Ministério da Saúde, na transição INAMPS - SAS. Ele não me conhecia – ou conhecia pouco – mas teve a gentileza de me confirmar em sua equipe. Ali, durante três anos agitados, levamos muita pancada, mas fizemos alguns gols também. A hoje esquecida, embora muito apreciada no seu tempo, Norma Operacional Básica do SUS de 1993 (NOB 93) é apenas a ponta do iceberg. Mas na sua esteira vieram a regulamentação do repasse fundo a fundo, o desenvolvimento do programa de Saúde da Família, a extensão nacional do PACS. E o mais importante: tínhamos alguém dos municípios, finalmente, pilotando a imensa nave que antes nos esmagava.

Em uma dessas pancadarias, talvez naquela tentativa de intervenção que o Ministério do Planejamento promoveu no MS no início da década, a lembrança dele é forte: cansado, com olheiras, o peso aumentando, mas nem assim perdia a confiança histórica no SUS. Uma dessas malvadezas foi a “brittada”, como ele dizia, quando Antonio Britto, então ministro da Previdência Social, numa canetada suprimiu quase trinta por cento dos recursos da Seguridade Social que iam para a saúde, sob o argumento de que “era preciso salvar os velhinhos”. Britto prejudicou a saúde, com certeza, mas até hoje há controvérsias se isso teria feito bem para os tais velhinhos.

Já nesses momentos o coração lhe falhava e, preocupados, o acompanhamos em um internamento de alguns dias em um hospital de Brasília. Saiu logo do recolhimento, constrangido de estar em um serviço privado, e ato contínuo já estava em sua sala na SAS, até altas horas e até praticamente pernoitando ali. Curiosidade de sua breve estadia hospitalar foi o fato de que sua esposa, Emília, alguém do mesmo estofa que ele, finalmente conseguiu trazer-lhe uma profissional para lhe cortar as unhas do pé. Ele simplesmente não conseguia tempo para fazer algo assim no seu cotidiano.

A partida de Gilson em 2013 era a notícia que eu não queria (mas temia...) receber. Acho que partiu o melhor entre todos nós, o que não esmorecia, o que possuía a fé que movia montanhas, o que não se dava nunca por vencido, o que enxergava luz onde os outros se perdiam em trevas... Gilson das madrugadas insones, Gilson, o homem inquieto na quietude apenas aparente de sua mesa de trabalho, enquanto a mente perseverava em encontrar soluções para o seu SUS, para o nosso SUS. Gilson das Domingueiras, das segundas, terças, quartas, quintas e sextas feiras; das noites e dos dias. Gilson que escolheu descansar só depois de partir. Uma pessoa verdadeiramente imprescindível!

Nós, que aqui ficamos, temos agora pelo menos o consolo de ter conhecido este sujeito sem par, de compartilhar um tanto de sua alegria e energia. Saudades, teremos muitas de Gilson. Mas ao mesmo tempo,

nos consolamos em saber que ele continuará vivendo em nosso coração e em nossa ação. Gilsão, apressado, foi ao encontro de sua Emília, que havia partido antes e assim. Sua partida assim tão fora de hora, a gente não aceita, mas compreende.

Espero que consiga, com este texto, homenagear **Nelson Rodrigues dos Santos**, o querido Nelsão, já que me senti suficientemente homenageado com o convite do Conasems para redigi-lo. Quando escrevi “Municipalização: Veredas”, em 1998, mandei os originais para uma revisão profissional e ao receber o texto corrigido notei várias observações sobre o fato de estar chamando alguém pela sua alcunha, não pelo nome completo e verdadeiro, de maneira supostamente informal e pouco condizente com um texto como aquele, que viraria livro editado pela Abrasco. Minha primeira reação, confesso, foi de recuar e substituir cada “Nelsão” daqueles marcados em vermelho, por “Nelson Rodrigues dos Santos” ou, na melhor das hipóteses, “Nelson”. Felizmente, entretanto, logo cheguei à conclusão que aquela revisora poderia entender muito de língua portuguesa, ou de normas editoriais, mas não entendia nada de SUS. Assim, ficou Nelsão mesmo.

E seriam muitas as tais correções que eu teria de fazer, pois não havia como citar de maneira mais escassa o referido personagem, se o assunto em pauta era o movimento municipalista de saúde no Brasil. Ser conhecido por um apelido carinhoso, não pelo nome pelo qual se é conhecido no banco ou no cartório, não deixa de ser um atributo que poucas pessoas obtêm como privilégio ao longo da vida. Exemplos notáveis que me vêm à mente: Pelé, Lula, Betinho, Nonô...

Conheço Nelsão desde os tumultuados e generosos anos 70. Conheci-o muito antes do que ele me conhecesse, aliás. Eu era um jovem médico (ele é apenas um pouquinho menos jovem do que eu) e já sabia da saga daqueles outros moços que haviam embarcado numa canoa que parecia promissora, a criação do curso de medicina e, quase simultaneamente, da secretaria municipal de saúde de Londrina. E acompanhara passo a passo, pela “Saúde em Debate” e pelo correio informal (que naqueles tempos bicudos substituíam a imprensa amordaçada) a briga daquela moçada contra um coronel de plantão – ou algum preposto do mesmo.

Embarcar em canoas que pareciam promissoras e depois fizeram água: eis uma boa imagem para definir a história de toda uma geração que se envolveu com as coisas da saúde neste País. Porém algumas embarcações, sem dúvida, nos levaram a portos mais seguros. Em 1984, por exemplo, em plena euforia da redemocratização e, particularmente, em tempos muito promissores para a saúde, o jovem de Londrina estava agora em Campinas, como secretário municipal de saúde e resolveu organizar uma reunião de seus pares paulistas. Foi gentil comigo, recém secretário em Uberlândia e praticamente desconhecido no meio: convidou-me para a tal reunião. Tudo isso

poderia parecer coisa simples e até banal, mas foram eventos como aquele, inéditos até então, que começam a delinear o que viria a ser um pouco mais tarde os conselhos de secretários municipais de saúde, Cosems e Conasems.

Não se passaram dois anos de tais acontecimentos e estávamos todos, ainda jovens e cheios de ilusões – benfazejas ilusões! – na oitava Conferência Nacional de Saúde, em Brasília. Ali nosso personagem estava como em sua própria casa, circulando ativamente no seu traje cotidiano, camisa branca para fora das calças e sandálias, nos salões e arquibancadas do Ginásio de Esportes de Brasília, à procura de secretários de todo o Brasil. Naquele tempo essa gente ainda não se conhecia, como agora. O resultado foi uma reunião informal, realizada em uma das arquibancadas, com algumas dezenas de pessoas presentes, todas ligadas à gestão municipal. Apesar de sua singeleza e informalidade, tal reunião representa um marco inaugural do movimento municipalista de saúde no Brasil. Ali fizemos um pacto de organizarmos ao máximo à nossa base para levarmos no ano seguinte, em Londrina, linda cidade que tem presença marcante nos movimentos da saúde, a proposta da criação de um organismo nacional de SMS. Dito e feito!

Entre tantas qualidades que me saltam à mente para me referir a Nelsão, prefiro um termo que mais parece mais preciso, mas também mais abrangente: *generosidade*. Uso aqui esta palavra em todos os sentidos possíveis: generosidade política, intelectual, moral, pessoal. Enquanto muitos naqueles anos pesados se refugiaram na crítica necessária, mas cômoda, no seio das academias, Nelsão não. Ele foi à luta. Aceitou cargos em Campinas, no governo estadual de São Paulo e no Ministério da Saúde. Não o fez em nome de projetos pessoais ou de grupos políticos, mas sim como prática de sua generosidade intrínseca.

Era preciso, afinal de contas, transformar aquelas ideias acalentadas em Londrina, em Campinas e em tantos lugares do mundo e do Brasil, em ação concreta, em fazer político, em estratégia de argumentação e convencimento para tantos que esperavam uma boa nova na saúde. Naqueles tempos sombrios isso era ousadia em grau máximo. O sujeito apanhava dos dois lados. Do lado “de lá”, até compreensivelmente. Mas do lado “de cá” a pancadaria era grossa, também, porque as esquerdas praticavam uma crítica mais acerba ao que chamavam de “cooptação” do que propriamente à omissão frente a responsabilidades públicas, optando claramente pelo “quanto pior, melhor”. Mas com Nelsão, não! Isso não colava.

O movimento municipalista de saúde no Brasil, do qual o Conasems é a expressão material e concreta, deve muito a Nelsão. Mesmo sem ter participado diretamente de nenhuma diretoria da entidade ele faz parte de sua história e de seu espírito. Mas Nelsão tem deixado também suas

marcas em outras áreas da saúde, na história das conferências nacionais, por exemplo, e no Conselho Nacional de Saúde, do qual foi secretário executivo. Sua produção escrita é abundante e coerente com sua generosidade. Elabora textos curiosamente pontuados de forma precisa, pormenorizada, quase cartesiana, às vezes até redigidos em tópicos numerados, que já fazem parte da história do conhecimento acumulado do SUS nas últimas décadas.

Tudo isso não permitiu a seu autor somar um único ponto nos rankings na carreira acadêmica (que ele insiste em cultivar paralelamente). Mas não importa: quem está envolvido com a construção do SUS os conhece de cor e salteado. Os critérios acadêmicos que se reciclem!

Que o pó de nossos sonhos não realizados e de nossas viagens abortadas no percurso não nos sepulte a esperança. Essa é a grande lição que sempre nos trouxe Nelson Rodrigues dos Santos – Nelsão para todos – generoso ser humano, grande amigo, homem que faz história, eterno batalhador da saúde!

Conheci **Sonia Terra** por volta de 1985. Eu era secretário municipal de saúde em Uberlândia e estava em Brasília, no Ministério da Saúde, para um pequeno giro, de pires na mão, buscando não tanto dinheiro, mas apoio técnico e simbólico. E me dei com aquela Dama, ao mesmo tempo técnica e afetuosa, sempre disposta a ajudar!

Ela fazia parte, então, de uma pequena equipe voltada para o que se chamava formalmente “apoio a serviços de saúde” – ou algo assim. Assuntos que hoje teriam uma secretaria inteira do Ministério só para eles... Considerem, todavia, que “serviços de saúde”, naquele tempo, eram coisas que pertenciam à esfera do próprio MS ou, no máximo, dos estados. Municípios, nem pensar. Mas Sonia foi com a minha cara e eu com a dela. Convidei-a para uma ida a Uberlândia, onde ela se reuniu com a minha equipe e deixou um montão de ideias, algumas bem pragmáticas, outras que apenas nos fizeram sonhar com tempos futuros (que nem sabíamos que acabariam chegando).

Deste então passei a vê-la com alguma constância, fosse em Brasília, ou em eventos pelo país a fora. Particularmente, na série de reuniões, realizadas entre 1985 (em Montes Claros) e 1988 (em Olinda), que marcaram tempos importantes para todos nós da saúde: Assembleia Nacional Constituinte, Oitava Conferência Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Reforma Sanitária, fundação do Conasems. Tive o privilégio de estar nestes eventos e também de ter convivido com gente como Sonia.

Em 1988 ela pariu em busca de novos horizontes. Em um tempo que para nós da saúde o Canadá era apenas um país distante e meio “encoberto” pelos Estados Unidos. Mas ali ela abriu caminhos, fez

contatos e ganhou respeito. E eu a visitei lá, ficando hospedado em sua casa no bairro judaico de Outremont, no *banlieu* de Montreal. Sonia fez seu mestrado em Saúde Pública na Universidade de Montreal. Hoje sabemos de sobra que a experiência do Quebec é modelo e referência para o SUS. Mas, naquele tempo, isso era território ignoto. O intercâmbio prossegue, com canadenses que continuam a vir ao Brasil e brasileiros já lá estiveram, como é o meu caso também, ou ainda lá estão. Creio que, sem nenhum favor, podemos colocar Sonia Terra como precursora e agente deste movimento que tem sido tão produtivo para nós e para os canadenses também.

Ainda tive muitos outros aprendizados com ela. No Ministério da Saúde, no Conasems, na OPAS e, principalmente, na vida. Seis meses por ano ela estava no Quebec, mas ao chegar aqui sempre tinha uma palavra de amizade, confiança e transmissão de conhecimento para os muitos amigos, como eu, que com ela conviveram. Sua passagem por nós me traz, mais uma vez, recordações carinhosas e expressivas. Procurando uma palavra, um termo que a pudesse definir, encontrei a seguinte imagem. Sonia Terra, em meados dos anos noventa, trabalhando na OPAS, ao ser solicitada para apoiar a SAS/MS, onde eu estava naquela ocasião, em um tema bem corriqueiro da época, creio que a implementação daquilo que um dia se chamou NOB 93, nos disse: “que tal se vocês pudessem pensar no futuro? Acho que no futuro do SUS isso não mais existirá...”.

Dito e feito! É isso aí: Sonia vivia no futuro!

Nem sempre foi possível acompanhá-la em sua máquina do tempo. Mas como disse Brecht: “ela formulou projetos, nós os seguimos (ou tentamos, digo eu); um epitáfio assim, nos honra a todos”.

Beijos, Sonia, boa viagem dentro do Futuro!

**Rosani Evangelista** Eu a conheci numa época que viajava por todo o Brasil, graças ao cargo que tinha no Ministério da Saúde. Corriam os anos 90 e a saga do SUS já estava iniciada, em tempos sem dúvida mais promissores do que os atuais. E o tema, na ocasião, era a descentralização, fazer chegar aos municípios as novas responsabilidades previstas na Constituição, com a transferência de financiamento e das redes de serviços federal e estaduais – não necessariamente nesta ordem. Em alguns estados isso era uma verdadeira via crucis, com confrontos múltiplos, seja do poder estadual contra o municipal, dos municípios pequenos contra os grandes, dos partidários versus os opositores do governo de plantão, quando não de todos contra todos. E lá ia eu, assim como outros técnicos do MS, seja para garantir as determinações constitucionais, na melhor das hipóteses, ou apenas para apartar brigas.

Nas Minas Gerais as coisas corriam até suavemente. Era o governo de Itamar Franco e apesar das permanentes dificuldades na saúde as coisas caminhavam bem. Aliás, até muito bem. A rede estadual estava sendo toda repassada aos municípios, mediante um processo de apoio técnico e compartilhamento de responsabilidades. E a equipe da Secretaria de Saúde do estado era um primor: um monte de gente jovem, animada, verdadeiros apóstolos das ideias descentralizadoras. Entre eles estava aquela moça pequena, de voz calma e quase inaudível em alguns momentos, sempre com longas saias ou vestidos à moda hippie.

Lembro que meus primeiros contatos com ela foram um pouco decepcionantes, pois sempre ocorriam em cenários movimentados ou barulhentos e com aquela voz que mais parecia um murmúrio eu simplesmente não conseguia entender o que ela dizia. Mas quando a equipe da SES pegava um microfone para explicar às plateias municipalistas os desígnios da política estadual de saúde, a coisa mudava de figura. Aquela moça, especialmente, bem se fazia entender e era capaz de perder horas inteiras respondendo perguntas do auditório, algumas bastante simplórias, outras beirando a agressividade.

No final deu certo. Creio mesmo que Minas deu um verdadeiro show de competência, num cenário nacional em que havia até esposas de governadores, sem cargo efetivo nos respectivos governos, mas que cuidavam de assuntos estratégicas da saúde, com repercussões clientelistas, por exemplo a distribuição de cotas de internação aos prefeitos e secretários municipais da área. Meu estado natal, me orgulho em dizê-lo, tomou um caminho sem dúvida mais republicano.

Mas o meu assunto aqui é a Moça. Foram feitos seminários nas várias cidades polo de MG: BH, Uberaba, Uberlândia, Montes Claros, Teófilo Ottoni, Governador Valadares, Juiz de Fora, entre outras. Eu como um dos poucos (ou único) mineiro na equipe da Secretaria de Assistência à Saúde do Ministério fui designado para acompanhar aquela movimentação e o fiz de muito gosto. Na ocasião, depois de um dia inteiro de discussões e esclarecimentos, o costume era nos reunirmos em algum restaurante ou boteco, para comentar as coisas do dia e nos confraternizarmos. Lembro-me que a Moça esteve ao meu lado algumas vezes, mas se durante o dia eu não a ouvia, naquelas mesas em que a cerveja e a cachaça escorriam à solta, isso era mais difícil ainda. Mas acabaram surgindo oportunidades para conversas em ambientes mais calmos e aí eu a conheci de perto – e finalmente pude saber direito quem era ela.

Rosani Evangelista da Cunha era mineira de Montes Claros, terapeuta ocupacional de profissão e membro do corpo docente da Escola de Saúde de MG, que dava apoio ao processo de descentralização do qual eu também participava, como agente federal. Tempos depois, numa

iniciativa que coordenei, as diversas escolas de saúde existentes no país foram chamadas a cooperar com o MS, mediante processo seletivo. Minas logo se fez presente e Rosani veio até minha sala no Ministério com o projeto deles, uma série de seminários para capacitar gestores. Tal projeto teve que entrar em uma fila, mas eu já movido por simpatia com o grupo, que tinha também outras pessoas bacanas, como Lucia Sarappo, a diretora da Instituição, resolvi convidá-los para algo que pertencia à minha governabilidade, ou seja, a elaboração de uma série educativa de cartilhas para que os gestores municipais compreendessem o processo de descentralização em curso.

Como aceitaram e produziram os dois primeiros textos da série, passamos a ter contatos mais frequentes. Nessa ocasião eu já havia aprendido a conversar com ela, procurando ambientes mais calmos onde eu lhe pudesse ouvir o fio de voz. Passamos a nos ver, também, quando eu ia a BH, em encontros sociais, entre amigos diversos. Da Escola de Saúde ela passou para o Conselho de Secretários Municipais de Saúde de MG, daí para Gabinete do Prefeito de BH, Célio de Castro e depois para a Frente Nacional de Prefeitos. Na virada do século ela veio se instalar em Brasília, aprovada que fora no curso de formação de gestores da ENAP (Escola Nacional de Administração Pública) e mantivemos nossos contatos, com alguma frequência, agora contando com a presença de seu novo parceiro de vida, Nilson Figueiredo, que logo se tornou meu amigo também. Daí para frente, quando ela terminou o curso na ENAP, seu sucesso evoluiu como um míssil – do bem!

Esteve no Palácio do Planalto durante algum tempo e logo depois foi para o Ministério de Desenvolvimento Social, em posição de assessoria. Onde aquela moça de voz baixa chegava, contudo, as coisas logo mudavam, seja no seu entorno, seja diretamente para ela. E assim, no Governo Lula foi criado o programa Bolsa Família e ela lá chegou como assessora. Sempre em movimento aquela moça, mas sempre a convite de suas chefias, que logo reconheciam nela as qualidades que nós, seus amigos, já conhecíamos de sobra: uma pessoa cortês, suave, articulada, inteligente, sumamente concentrada no que fazia e que se desempenhava bem nas missões mais difíceis. Em pouco tempo ela chegou à chefia do programa e o dirigiu na fase mais expansiva do mesmo, quando ele se transformou na grande revolução que mudou o panorama da pobreza no Brasil. Todos falam muito de Lula e de Patrus Ananias, o Ministro da ocasião. Mas que não se esqueçam que não fosse aquela mineirinha montesclarensense de voz murmurante, o sucesso talvez não tivesse sido o que de fato foi.

Em 2009, no auge de sua atuação no MDS, já como uma das Secretárias Nacionais da pasta, ela que nunca descansava, aproveitou uma viagem de representação na Argentina para fazer uma tour de lazer

pelo interior do país. E ali, num fim de tarde fatídico, talvez pela ofuscação pelo sol que se punha no Pampa, o carro onde estava, com Nilson e amigos portenhos, se desgoverna e Rosani, atirada para fora do veículo, nos deixa para sempre, para tristeza minha e de muitos mais.

Pequena grande mulher! Tivéssemos meia dúzia como ela, seria possível mudar não um gabinete, uma repartição ou um programa, mas todo um país.

### **Pequenos grandes heróis**

- **José Garcia Brandão**

Em meus anos de atuação na Diretoria Regional de Saúde de Uberlândia tive oportunidade de conhecer muitas pessoas que militavam na área, como colegas de trabalho ou, especificamente, como pessoas supervisionadas por mim em seu trabalho nas Unidades de Saúde da SES-MG espalhadas pela região. Conheci de fato muita gente. Alguns verdadeiros missionários; outros, nem tanto. Certos indivíduos fariam boa figura atrás de alguma grade... Gente lamentavelmente pouco consciente de seu papel na assistência ou na gestão da saúde dentro de um sistema público. O certo é que ainda não havia SUS e eu mesmo não poderia me jactar de já possuir consciência tão apurada.

Entre os melhores, há um que poderia ser o patrono dos demais: José Garcia Bandão. Era mais do que o médico chefe do Centro de Saúde em Patrocínio. Era uma figura emblemática, no melhor sentido que esta palavra pode ter, na cidade. Ex-Prefeito, ex-Provedor da Santa Casa, presidente do Lions Clube, vicentino militante – tudo o que faz de um homem em comunidade personalidade prestante e imprescindível, embora sejam coisas às vezes valorizadas (ou mesmo autovalorizadas) de maneira equivocada.

Nossa primeira conversa, em meados dos anos 70, ele respeitoso comigo, afinal seu supervisor, novidade que ele recebia pela primeira vez depois de décadas de trabalho, já foi marcada pela simpatia mútua. Nossa diferença de idade talvez ultrapassasse os trinta anos. Difícil foi manter a conversa nos trâmites burocráticos. Ali mesmo descobrimos que tínhamos origens familiares comuns, no Oeste de Minas; ele de Iguatama, meu pai e meus avós paternos de Pains e Formiga. Sobre sua filha, Maria Helena, me avisou: você deveria conhecê-la, vai gostar dela, pensa do mesmo jeito que você. Dito e feito, ela e eu nos tornamos grande amigos e também lhe presto homenagem mais adiante nessas memórias.

Anos depois... Do portãozinho do jardim da casa de sua fazenda, em Patrocínio, ainda o ouvi repetir: que você seja feliz, que Deus lhe abençoe... Entrei no carro depressa, com certo pudor de que ele me visse os olhos molhados. E vim pela estradinha de terra, depois pela

rodovia, gozando o privilégio de ter encontrado, em plena maturidade, aquela especial figura de pai e amigo. Havia, então, seis meses que não nos víamos. Ele estava doente, de câncer, com um prazo de vida indefinido pelos médicos, provavelmente curto. Acompanhava-o, entretanto, à distância, sabendo-o machucado pela moléstia, com o rosto alterado pela brutalidade da quimioterapia. Eu não queria vê-lo naquele estado.

Outra coisa, ainda, me mantinha distante. Eu rompera um casamento de muitos anos e tinha medo de que o afeto que ele sempre dedicara ao casal, não sobrasse para mim, que trilhava agora outros caminhos. Ou que me recriminasse, por partir vínculos tão sagrados. Aquela visita me deixava um tanto angustiada, com medo da reação que ele pudesse ter. Fui então encontrá-lo na fazenda, onde poderíamos usufruir da privacidade que a casa da cidade, na qual a família, numerosa e comunicativa, com certeza não nos permitiria.

Nada, porém, foi como eu temia. Recebeu-me com as honrarias de sempre. Mostrou-me as novidades no curral e os chiqueiros reformados, o novo trator, o viveiro para o qual havia adquirido um punhado de novos habitantes, desde porquinhos da Índia, para alegria dos netos, a uma rara cacatua, além de galos e galinhas exóticos, de polainas e crista caída sobre os olhos. Afinal, ele era daquele tipo de pessoa que, mesmo condenado por uma doença maligna, mandava plantar mais dez mil pés de café, reformar a casa e povoar um novo viveiro. Além disso, trocara o carro por um mais novo e mais veloz.

Notei, porém, naquele dia, que apesar da disposição em me exibir as benfeitorias, ele ofegava ao caminhar. Suava, talvez, um pouco mais que o costume. Ao transpor o rego d'água, não armou o costumeiro pulo, majestoso, que apesar dos setenta e sete anos, ainda lhe permitiam as longas pernas. Antes, preferiu passar pela prosaica pinguela, destinada, naqueles passeios, apenas às mulheres.

Chamavam-nos para o café, preparado ritualmente pelas empregadas, uma tradição nas casas da cidade e da fazenda, desde o tempo em que ainda era viva a esposa. Na mesa grande, três ou quatro quitandas diferentes, queijo de Minas feito em casa, além de, é claro, bom café plantado, torrado e moído ali mesmo. Na mesa, a sós comigo, dirigiu-me o olhar azul profundo, inquiridor, sem deixar de ser carinhoso: e você, então... Falou de um modo que me deixava livre, para interpretar e responder a pergunta como quisesse. Resolvi encarar pelo lado que, até então, evitara. Abri-me, como nunca pensei ser capaz. Eu tinha com ele uma relação afetuosa e franca, mas, nunca antes me sentira capaz de confissões tão pessoais e íntimas. Escutou-me calado, paciente. Creio que nem me fez perguntas. Apenas me deixou falar, sem qualquer gesto intempestivo. Quando percebeu minha loquacidade diminuída,

atalhou, bondoso: vamos, ainda preciso mostrar muita coisa a você; aqui na fazenda não se para nunca, tem sempre novidades.

Fomos então aos cafezais e à nova gleba recém incorporada. Depois ao pomar de laranjeiras que começavam a ser substituídas por enxertos novos, por estarem caducas muitas delas. Mais uma vez estivemos no curral, para assistir à tirada vespertina do leite. E, principalmente, continuamos a conversa longa e macia que, entre ele e eu, mesmo com tantos anos de diferença na idade, parecia nunca ter tido começo ou fim.

Era um final da tarde, de um mês de junho. O céu vermelho fazia como que um lençol contínuo com os morros recobertos de capim gordura. Esfriava. Eu tinha pela frente quase duas horas de estrada que me separavam de casa. Na soleira da varanda, abraçamo-nos, com um contato físico breve e um tanto duro, como era de seu feitio. Por um momento, ficamos silenciosos e melancólicos, mas, também emocionados. Os olhos azuis tornaram a me fitar, com surpreendente profundidade e clareza. Disse-me, então: ninguém pode julgá-lo, muito menos eu. O importante, na vida é ser feliz. Siga seu rumo, se você já sabe que a felicidade lhe espera. Isso é o que importa, não o julgamento de alguém, seja lá quem for. Deus há de te abençoar.

E assim me fui, no rumo de casa, enxugando com as costas das mãos, repetidas vezes, as grossas lágrimas, já misturadas com a poeira vermelha da estrada. Havia no ar um prenúncio de que talvez não tivéssemos outro encontro. Aquele pai, que escolhi ou pelo qual fora escolhido, não sei bem ao certo, me abençoara. E com isso eu seguia aliviado, em busca da felicidade que merecia. E ela me pareceu, naquela hora mágica, uma busca que justificaria toda uma existência.

Não mais nos vimos. Três ou quatro meses após minha visita, veio a falecer durante uma pescaria com amigos, no pantanal matogrossense. Vi-o no funeral, com a face serena de quem confiara a alma ao espírito das matas, dos rios e dos peixes. Alegrei-me por ter meu amigo encontrado, daquela forma feliz, a libertação da doença e do sofrimento.

- **Pedro Donati do Prado**

Gurinhata quase ninguém sabe onde fica. É uma pequena cidade do Triângulo Mineiro, mais pobre do que rica, sem maiores atrativos que não sejam pastagens e as plantações de feijão e milho. E muita desigualdade social. Foi lá que conheci Pedro Donati do Prado, recém-chegado de Belo Horizonte para se converter no primeiro médico a residir na cidadezinha. Pedro, em si, já era a novidade personificada. Um médico em Gurinhata, afinal de contas era algo inesperado.

Doutores havia muitos, em Ituiutaba, distante sessenta ou setenta km, mas só pareciam ali para conferir a boiada ou fazer uma

caridadezinha... E ele de médico quase não tinha nada; simples como ninguém, andando de sandálias para todo lado, nem usava a farda branca. Formara-se na UFMG, e vinha de família apenas remediada, de ascendência italiana, do Sul de Minas, quase São Paulo. Sua cidade era Jacutinga, se não me engano. Fora criado na roça e conhecia bem os costumes e o linguajar que também vigoravam em Gurinhatã. Além de atender no “postinho” passou a participar de todas as reuniões que lhe convidavam – outra novidade para os locais, ainda mais partindo de um médico, como ele. Era de família muito católica e havia sido seminarista, sem abandonar a fé, apesar de ter renunciado aos votos.

Quando não era convidado para tais eventos, era ele quem os convocava, por variados motivos: organizar o grupo de mães, o calendário de vacinações, o controle do lixo, das criações de porcos, etc. e como Gurinhatã não tinha padre residente, ele passou a fazer às vezes de sacerdote também, no que lhe era facultado canonicamente, incluindo em seu ofício o ecumenismo e a aproximação com os evangélicos, sempre em benefício da saúde geral.

Pedro passou a se dedicar especialmente à causa da hanseníase, algo muito marcante ali. Com efeito, não só na cidade, como no restante do Triângulo Mineiro, antigo refúgio para os pobres leprosos perseguidos em outras partes do estado, os pacientes e suas famílias se recolhiam a lamentáveis guetos, sofrendo abertamente o preconceito dos demais cidadãos, às vezes tão ou mais pobres do que eles. E Pedro, como se não lhe faltassem outros desafios e obrigações, passou a se dedicar de corpo e alma à luta contra o estigma e ao controle da doença. Certo dia conseguiu que um grupo de usuários, associado a pessoas que participavam de uma das Comunidades Eclesiais, acesse em participar de reunião em que também estariam presentes hansenianos e respectivas famílias. Então, aceitando correr os riscos culturais, mas não os biológicos, por inexistentes, tomou um dos pacientes pelas mãos e o conduziu à linha de frente da reunião. Ali, à maneira de um Cristo, beijou-lhe as faces e as mãos, sabendo que isso poderia, finalmente, desfazer perante as pessoas presentes e através delas ao restante da comunidade, o equívoco das crenças sobre o contágio da lepra. Assim era Pedro.

Meu amigo viveu naquela Gurinhatã por muitos anos. Virou prefeito, como seria de se esperar – nada mais natural. Foi depois educar os filhos em Ituiutaba, o que também seria algo bastante legítimo, porém sem perder seu vínculo com a cidade, já em condições de abrigar outros médicos permanentes.

Uma frase resume bem sua personalidade, embora tenha sido proferida por um adversário, um laboratorista que antes de sua chegada mandava e desmandava no Posto de Saúde, fazendo, entre outros papéis, o de médico: *doutor, ainda não sei se o senhor é santo,*

*subversivo ou louco*. Acredito que meu amigo Pedro Donati do Prado tivesse, de fato, um pouco de cada um desses ingredientes em sua personalidade.

- **Luiz Carlos Lemos Prata**

Conheci aquele sujeito comunicativo e de olhar atento e bondoso em uma reunião de Secretários Municipais de Saúde, em Belo Horizonte, meados da década de 80. Ali era tudo novidade, até mesmo nós próprios. Eu, por exemplo, era o primeiro secretário de fato e de direito em Uberlândia, já uma das maiores cidades de MG, mas que até então não tinha sua estrutura própria municipal na saúde. Eu em Uberlândia, ele em Manhuaçu, no outro extremo do estado; ele também inaugurando a carreira de gestor da saúde em sua cidade.

Este primeiro contato foi protocolar, empenhados que estávamos, junto ao um grupo ainda muito reduzido, de organizar o movimento de SMS em Minas. Mas estreitamos os laços nas semanas seguintes, em frequente ligações interurbanas, com foco no nosso objetivo comum. A partir daí, passamos a nos encontrar com mais frequência, inclusive com tempo para colóquios mais pessoais, o que me permitiu conhecer um pouco mais da história desse sujeito notável. Tínhamos sido quase contemporâneos na Faculdade de Medicina da UFMG, eu formado em 1971 e ele em 1968, mas não nos conhecíamos daqueles salões e corredores da Avenida Alfredo Balena.

Logo que formou, Luiz Prata voltou para sua cidade natal, Manhuaçu, lugar montanhoso, na divisa entre MG e ES, famosa nos anos 60 por ter abrigado uma tentativa de guerrilha no estilo cubano, dado sua proximidade com as montanhas do Caparaó. Cidade, como tantas outras no Brasil, rica e pobre ao mesmo tempo, marcada pela (quase) monocultura do café, com seu cortejo de associações menos desejáveis: migrações desordenadas, pobreza, tráfico, ocupações mal planejadas de morros etc, além de uma rodovia assassina, a BR-262, cortando seu território.

Luiz especializou-se em pediatria. Junto com a esposa, Beatriz Lourenço, agitou a cidade com um forte trabalho social, seja no hospital e na sede da LBA local, tendo como foco a saúde das mães e das crianças. Eram daquelas pessoas que praticamente renunciaram à vida individual, em total disponibilidade para a vida em comunidade, cotidianamente. Enquanto isso, vieram os filhos, seis no total. Luiz Prata, muito mais do que eu em Uberlândia, enfrentou o forte conservadorismo e os péssimos costumes políticos de sua cidade. Foi secretário de saúde em três ou quatro ocasiões, com prefeitos de partidos diferentes. Com efeito, naquele homem estava presente a

marca do respeito e da responsabilidade, não do partido político. E ele, que após cada mandato julgava ter cumprido sua cota, se via assediado por mais um convite, que era incapaz de negar – não por vaidade ou ganância – mas por ver ali oportunidade de fazer prosperar suas ideias igualitárias e democratizantes na saúde e na política social, tendo a seu lado a marcante e querida companheira Bia.

De certa feita, por questões típicas da baixa política que se pratica no Brasil, foi removido da saúde em troca de uma função menos importante, que ele aceitou de bom grado, movido pelo espírito de que seria sempre possível servir à cidade. Me mandaram para o lixo, comentou comigo na ocasião. Mas sem deixar de se empenhar na implantação inédita, para a cidade de Manhuaçu e também para a região, da coleta seletiva e da educação para a reciclagem do lixo.

Luiz era, naturalmente, um entusiasta da participação social. Tive a oportunidade de ser convidado para pelo menos duas conferências municipais de saúde em Manhuaçu, onde falei sobre o SUS e suas vantagens para a população. Tarefa difícil, não pelo conteúdo da argumentação em si, que eu trazia na ponta da língua e no âmago da alma, mas pela necessidade de tentar trazer algo ainda mais interessante do que a realidade que aquelas pessoas já viviam em seu dia a dia. Tínhamos, nesse campo, nossas divergências. Se dependesse dele, cada cheque que o gestor assinasse devia ter a chancela do Conselho Municipal de Saúde. Já eu procurava ser mais cauteloso, pois sempre questioneei aquele “poder deliberativo” que a Lei 8142 conferira aos conselhos, por considerá-lo demagógico e impraticável. Mas nem por isso abrimos mão de nossa admiração e amizade.

Eis um fato que demonstra e confirma a estatura moral deste homem. Nos anos noventa, quando já tinha criado e praticamente posto na vida seus seis filhos, adotou mais três. É que perdera um irmão e sua mulher, tragicamente, num acidente na famigerada BR-262. Eram crianças adotadas pelo casal falecido, que tinham problemas de infertilidade, o que por si só houvera sido um gesto generoso, por se trataram de filhos de pessoas muito pobres e, além do mais, já assumidas com certa idade. Luiz e Bia poderiam ter transferido o caso para a Justiça, mas não o fizeram. Na ocasião da adoção passei por Manhuaçu e os visitei. O quarto dos recém-chegados mais parecia aquele de Branca de Neve e seus amigos anões: caminhas enfileiradas para abrigar os três adotados e mais uma para a babá.

Quando um dia lhe comuniquei que estava separando de minha mulher, que ele mal conhecia, ele me interrompeu para dizer: não importa, continuo gostando de você mesmo assim. Ditoso o homem que tem amigos de tal naipe...

\*\*\*

Dr. Brandão, Pedro Donatti e Luiz Prata são apenas três exemplos de gente séria que conheci em meus anos de exercício na saúde pública. Encontrei muitos outros em meu caminho, gente de estofo moral superior ao daquele médico que vendia a talidomida que vinha da SES-MG para tratar os hansenianos em crise e ainda por cima exigia um anteparo de vidro para atender os pobres pacientes sob sua responsabilidade. Ou daquele que um dia me disse candidamente: quando um pai tem muitos filhos, destina o mais inteligente à medicina ou à engenharia; o mais piedoso ao sacerdócio e o que não tem boa cabeça ao serviço público. Não preciso dizer que o doutor, vaidoso membro da oligarquia triangulina, era campeão de faltas ao trabalho e de arrogância no trato com os pacientes na unidade em que atendia. De toda forma não se considerava servidor público.

De relance, quero fechar esta crônica trazendo estes nomes tão significativos, absolutamente pertencentes ao lado do bem.

### **Mais gente notável**

Em uma obra tão despretensiosa como notável, “Livro Aberto”, que li há alguns anos atrás, Fernando Sabino fala de uma reunião ocorrida em certo restaurante da orla carioca, não sei se no Flamengo ou em Copacabana. Iam anos 50 em seus meados e raiavam grandes tensões, mas também luzidias esperanças, no horizonte do Brasil. Naquela mesa de bar estavam, simplesmente, adivinhem quem? Além do próprio Sabino, Rubem Braga, Vinicius de Moraes, Augusto Frederico Schmidt, Manoel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Jayme Ovalle, Oto Lara Rezende e Paulo Mendes Campos.

É pouco? É que ainda não falei do personagem central, em torno do qual toda essa turma estava reunida: Pablo Neruda... Já basta, não é?

Mais ou menos na mesma época, li outro livro marcante, o memorialístico “Viver para Contar”, do igualmente notável Gabriel Garcia Márquez. Nesta obra ele exercita sua costumeira arte de capturar irremediavelmente o leitor logo nas primeiras páginas. Devo dizer, aliás, que a mim ele capturou logo na primeira, ao narrar seu reencontro com a mãe, que viera de sua ladeia natal a Bogotá, à sua procura, após ter saído de casa em sua pequena Aracataca, pouco mais que um adolescente, e desaparecido nos meandros da capital colombiana. Mas isso é outra história e não é apenas ela que une, para mim, Sabino e Márquez. Já explico.

Recordando e contando o que viveu, Gabo fala de sua vida de estudante na agitada Bogotá dos anos 40 e 50, com multidões na rua por dá cá aquela palha e milicos golpistas sempre à espreita – creio que, pelo menos, não existia ainda o narcotráfico, seja em sua face cartelista ou guerrilheira. Uma das lembranças contadas, daquela época, foram os

colegas que com ele conviveram em um colégio público da capital colombiana: nada mais que dois ou três que chegaram a ser presidentes da república, outros tantos que se destacaram no jornalismo, na literatura e em outras artes. E, de quebra, um Prêmio Nobel... É mole?

Fato quase igualmente notável é a coexistência, dentro dos mesmos muros da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, nos últimos anos da década de 20, de ninguém menos que Juscelino Kubitschek, Pedro Nava e João Guimarães Rosa. Quem sabe tomaram algumas boas cervejas em torno de uma mesa de bar na ocasião, ali no bairro de Santa Efigênia ou alhures? Bom tema para historiadores ou romancistas... Tanta gente especial reunida, na mesma época, na mesma escola e até numa simples mesa de bar...

Coisas assim me fazem pensar se isso ainda seria possível nos dias atuais. Não sei se meus leitores concordariam, mas tenho a impressão de que fatos deste tipo só poderiam ter acontecido em tempos e lugares que não existem mais. Somos tantos hoje, espalhados por tantas paragens, com interesses tão diversos e de significados que mal ultrapassam as nossas fronteiras individuais, que só nos cabe compartilhar nossas irrelevâncias. Só mesmo através das famigeradas redes sociais é que podemos descobrir a presença de gente que estudou com a gente, que um dia esteve conosco na mesma festa ou que participou daquela excursão a alguma praia, coisas de que nem nos lembramos mais. E ainda aparecem aqueles que nos chamam de “amigo” ou até “membro da família” e em torno dos quais somos convidados a eventos festivos, só por termos um mesmo sobrenome (até “Silva” vale nestes casos).

Por essas e por outras é que fico com o sentimento de Chico Buarque, na Roda Viva: a gente estancou de repente ou foi o mundo então que cresceu? Isso certamente não deve ser algo sobrenatural, derivado das mudanças do eixo ou da expansão do campo magnético da terra, ou coisa assim. Talvez seja apenas uma relíquia pequeno-burguesa, de um tempo que um grupo afluente – de bem poucos, na verdade – frequentava as mesmas escolas, os mesmos bares, os mesmos ambientes de gente privilegiada. O resto era o resto, uma massa amorfa e anônima perdida nas quebradas da vida.

Com foco nisso, me pus a pensar sobre os famosos com quem tive a honra de compartilhar bancos escolares e botecos. Eita, aí fiquei “estancado” mesmo... Lembrei-me, por exemplo, de um que virou político, mas que cujo feito mais notável foi o de ter inventado o mensalão, versão mineira, muito antes dos que levaram a culpa toda. Outra, era filha do Governador de Minas, naquela boa época em que a elite e a classe média frequentavam a mesma escola. Mas, pelo que ouvi dizer, seu maior feito foi ter se casado com o filho de um Presidente da República – e não sei o que mais tenha feito de notável. O outro matou

a mulher numa crise de ciúmes, um crime que horripilou a BH dos anos setenta. Nem cadeia pegou... Esqueçamo-lo. O outro virou artesão de calçados e bolsas, ficou famoso no bairro em que morava, depois em toda a cidade, depois simplesmente sumiu. Mais irrelevante, impossível. Teve um que virou cineasta, mas, sinceramente nunca vi um filme seu e desconheço qualquer um que tenha assistido.

Minhas buscas se encerrariam por aí e eu me recolheria à minha notável irrelevância, quando algo se anunciou, abruptamente. Na campanha eleitoral para Presidente da República em 2008, a candidata vencedora divulgou em seu currículo o fato de ter estudado em escola pública, em Belo Horizonte, nos anos 60, mais exatamente no Colégio Estadual de Minas Gerais (o antigo “Central”, hoje Milton Campos). Como Dilma e eu temos a mesma idade e eu também estudei ali na mesma época, concluí que tive ao meu lado, nos meus bancos escolares, uma personalidade de naipe exclusivo. O detalhe é que, juro, eu realmente não me lembro dela. Como disse um amigo meu; “deixa de ser fiel à pura verdade e espalhe por aí que foram amigos, que tiveram até um namorico, ninguém vai contestar”. Qual nada... Mas de certa forma, foi ela quem me trouxe à cena principal, ao publicar sua biografia escolar. Não fui eu quem o fiz, portanto...

Assim é que me senti empatado com Fernando Sabino e Gabo Márquez, passando também a tomar parte no seletto clube VIP, colega de escola que fui de uma Presidente da República.

### **Um menino de Curvelo**

No remotíssimo ano de 1960 cheguei ao Colégio Estadual de Minas Gerais, nos altos de Lourdes, em BH, para assistir minha primeira aula no ginásio. Eu senti que haveria muitas novidades pela frente, a mais marcante delas, naquele momento de adolescência, pelo menos, era o de poder frequentar aulas de calças compridas. No Grupo Escolar elas eram curtas.

Pois bem, devo ter chegado meio tímido, afinal eu não conhecia ninguém ali. Meus colegas do “exame de admissão” haviam tomado outro rumo. Lembro que me sentei num canto da sala, tentando não chamar muita atenção e assim fui parar ao lado de um cara que parecia tão deslocado como eu. Logo puxamos conversa. Era um menino meio sisudo, com um cabelo que parecia começar logo acima dos olhos, mas que me pareceu ter um olhar cúmplice para mim. Com pouca conversa fiquei sabendo que ele vinha de Curvelo, que tinha perdido o pai, que tinha vários irmãos, morava com mãe, avós e tias na via que então era conhecida apenas como “BR-3”, hoje avenida Nossa Senhora do Carmo.

Em pouco tempo ficamos íntimos e nos agregamos numa mesma patota, ilustrada nas artes de gazetear e atormentar professores. Logo

nos primeiros meses de colégio entramos, primeiro eu e depois ele, para o grupo de escoteiros que ali existia, pelo qual passaram várias gerações. Mesmo com os olhos críticos de hoje, acho, sinceramente, que não éramos apenas aqueles meninos vestidos de imbecis chefiados por um imbecil vestido de menino, como dizia Juca Chaves. O escotismo foi fonte de muito aprendizado e de novas amizades para mim. Ali já pude perceber uma característica de meu amigo, permanente em toda a nossa convivência, a de levar extremamente a sério as coisas que fazia. Eu não dispunha de disciplina nem de habilidades para os rituais do “sempre alerta”, ao contrário dele que, por assim dizer, seguiu carreira. Acho que ele continuou como escoteiro até mesmo depois que as pernas começaram a ficar cabeludas...

Este meu amigo era uma das pessoas mais habilidosas que já conheci. Dominava de alto a baixo toda a sequência de nós especiais que aprendíamos nas reuniões de escoteiros, com a diferença que ele logo se tornava habilitado em todas as categorias da arte, enquanto eu – e outros – só faltávamos amarrar nossos próprios dedos aos cordões, de forma inextricável. Tínhamos, entretanto, um ponto em comum. Aos quinze ou dezesseis anos (pois permanecemos colegas por todo o ginásio e colegial, mesmo na Faculdade de Medicina), éramos dos poucos que trabalhávamos formalmente, no horário da tarde, quando não tínhamos aula no Estadual. Eu em uma construtora e ele em um cartório onde um tio era tabelião. E era trabalho duro, que certamente lhe exigia muita atenção, aquela coisa de lidar com escrituras, testamentos, certidões. Apesar disso, era bom aluno (melhor do que eu) e um sujeito popular, mostrando que sua sisudez era apenas aparente, sempre disposto a uma brincadeira e dotado de notável senso de humor, às vezes um tanto cáustico, mas sempre muito divertido.

Adorava botar apelidos nas pessoas e foi assim que ganhei dele um apelido que me acompanhou até a faculdade, mesmo que nesta época ele fosse o único a me tratar assim. A alcunha era Bossa Nova e dizia respeito a uma frase de uma modinha de Juca Chaves, na qual o personagem JK, o Presidente Bossa Nova, não fazia outra coisa senão “voar, voar, voar”. Eu já era, na ocasião, um distraído crônico, um daqueles garotos que hoje seriam taxados como portadores de “déficit de atenção”.

O tal garoto, com seus vencimentos de escriturário de cartório fazia compras para si que então me pareciam exorbitantes, embora invejáveis. Por exemplo, adquiriu certa vez um jogo completo de lapiseiras Pentel (que na época eram objetos de desejo), de todos os calibres e cores correspondentes. Mais tarde foi a vez de um gravador de fita, no qual passou a ser um ouvinte musical sofisticado, indo de Mozart ao jazz. E democratizando totalmente o seu conhecimento e o seu domínio tecnológico, inusitado para nós, colecionava também

ferramentas elétricas e manuais, todas de marca excelente. E com elas fazia delicadas peças de marcenaria, como peças de xadrez, aí incluído um rolo de pastel que ele ofereceu a Eliane às vésperas de nosso casamento, com instruções para o bom uso da peça, não exatamente na cozinha, mas na minha cabeça, caso eu andasse em falta com os deveres de companheiro.

Separamo-nos no derradeiro ano do colégio. Eu fui para o Colégio Universitário da UFMG, recém-inaugurado; ele resolveu não encarar a novidade, permanecendo no velho Estadual. Um ano depois, entretanto, estávamos juntos de novo, na velha Faculdade de Medicina da Avenida Alfredo Balena. Retomamos alguns hábitos do escotismo nesses anos. Acampamos algumas vezes, por exemplo, na Serra da Piedade, em pleno mês de junho, num frio de lascrar. Fomos salvos parcialmente pela bondade de Frei Rosário Joffily, um dominicano que alia vivia como ermitão e que nos ofereceu uma sopa quente à noite, além de um lugar para dormirmos, pois a ventania a 1800 m de altitude não nos permitia armar a barraca. Menos mal, mas que noite aquela, num velho galinheiro abandonado, no porão da Ermida da Piedade. Abandonado apenas pelas galinhas, é bom que se diga, pois os quase invisíveis piolhos-de-galinha por lá abundavam, provocando-nos uma urticária que durou semanas a fio! Mas tal aventura foi, sem dúvida, foi inesquecível, para o bem e para o mal.

Outra dessas excursões foi especial. Corria o ano de 1968 e fomos os dois amigos e mais dois colegas passar uns dias de férias no sítio da família de um destes, em Caeté. Nossos papos iam pelo dia a fora e pela noite a dentro, variando de histórias escabrosas, em cujo conhecimento éramos mestres, até altos papos-cabeça sobre literatura e filosofia. Para situar os leitores: a trilha sonora da época estava toda naquele *Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band*, by *The Beatles* e seu conteúdo também nos provocava discussões intensas, seja favoráveis ou contrárias, e também intermináveis, embora sem muito aprofundamento, dado o parco conhecimento do idioma inglês de que dispúnhamos na ocasião. Obladi-obladá!

Mas o tom mais marcante da temporada foi dado por meu amigo e eu, leitores recém adentrados nos sertões e veredas de Guimarães Rosa. Nisso fazíamos bonito frente aos outros companheiros e até os humilhávamos um pouco, pois sabíamos de cor trechos inteiros da obra. Com o tempo começaram a se encher e implicar conosco, pois passamos a conversar num “sertanês” riobaldiano quase incompreensível para os outros dois, não iniciados.

De outra feita fomos a Marataízes, ficando hospedados em uma casa de sua família lá. O sujeito também conhecia todas as manhas dos peixes e pela primeira vez na vida pude pescar no mar, é bem verdade que postado na praia, mas com grande proveito, levando para casa fiadas de

bagres, que para mim eram peixes de água doce, apenas. Ele, bom cozinheiro que era, os preparava de diferentes maneiras.

Meu amigo quase virou meu parente, por namorar minha prima Rosângela Guerra de Andrade, filha de meu tio materno Virgílio, durante algum tempo. Mas talvez fosse uma daquelas coisas que não eram para dar certo mesmo.

Tínhamos planos ousados, para depois de formados, quando sonhávamos comprar uma Rural Wyllis (o supra sumo off-road da época) para fazermos uma espécie de rali pela Belém-Brasília e Região Amazônica. Eram anos pós JK e momentos de “milagre”: o Brasil estava sendo redescoberto. Isso ficou só no sonho, pois a vida acabaria por colocar distância, pelo menos física, entre nós, com o término da faculdade. Mas valeu pelos momentos de fantasia e conversas sem paradeiro que tal sonho nos proporcionava.

E foi assim que formamos em medicina, já tendo escolhido caminhos diferentes para a vida profissional. Meu amigo, com seu espírito organizado e perscrutador optou pela ciência básica, tendo feito uma sólida formação em Bioquímica, na meca paulistana, USP ou Butantã, não sei bem. Virou cientista. Eu fiquei em BH mais algum tempo, me casei (ele foi meu padrinho de casamento), fiz residência em clínica Médica e fui clínica no interior.

O resumo da história é meio melancólico. Devo tê-lo visto pela última vez logo depois de nossa formatura, em 1971 ou 1972, em escassas ocasiões. Depois nunca mais. Hoje, um dia de maio de 2016, recebi a notícia de sua morte, ocorrida há menos de 24 horas... Tudo isso que acabo de escrever pode parecer uma memória pouco significativa, recheada de histórias de interesse restrito a mim, que começo a perceber que o passado vai tomando conta de minha vida cada vez mais. Talvez seja isso mesmo. Mas pelo menos quero registrar aqui que me foi dada a honra de ter conhecido, convivido e aprendido com alguém assim, um cara chamado **Dalton Luiz Ferreira Alves**.

### **Amigos para sempre**

Foi assim que conheci **Mauro Marcio de Oliveira e Erix Mafra**, meus amigos de mais longa data. Aos 16 anos de idade eu vivia um permanente “éramos três” em matéria de amigos e isso começou a dar sinais de cansaço. Eu até que gostava das conversas com aqueles caras tão mais instruídos do que eu, Tiago Veloso e Mario Coutinho, mas eu mesmo tempo percebia que eu tinha um cabedal a que eles não alcançavam, e que passava por certa boemia, pelos carnavais dos clubes Orion e Tremedal, para não falar nas aprazíveis praias de Água Limpa, um conhecido balneário próximo a BH onde se refugiavam caras de família, como eu, na companhia de garotas nem tanto.

Certo dia, porém, graças a um colega do Colégio Estadual que morava perto de minha casa, Paulus Cicero Horta Pessoa, fui apresentado a um cara da mesma idade que nós, que eu conhecia – e respeitava – de longe – por sentir nele um sujeito importante, um verdadeiro líder, no ambiente de uma das turmas de jovens da redondeza. Eu que ansiava por ampliar meu círculo de amigos, ainda saudoso do Bairro do Prado de minha infância, mas querendo mais em termos de vivências e sintonia com um modo de vida mais mundano, senti que por ali passava o meu caminho.

Este outro cara, de nome Erix Curi Mafra, personagem importante de minha história depois disso, residia bem perto de mim. Ele me tratou, desde o início, com condescendência e simpatia e isso logo abriu caminho para uma grande amizade, das maiores que já tive – e que não está perdida. Descobri que ele já havia prestado atenção em mim, por me ver sempre com livros debaixo do braço e em companhia quase permanente daqueles tipos notórios de intelectuais que eram Tiago e Mario. Um dia me disse que também gostava de ler e que se aproximara de mim por me considerar um cara intelectualizado. Não era bem assim, mas eu ia negar?

Erix um dia me apresentou a um seu colega do Colégio Marconi, também intelectualizado (mais do que nós dois juntos, na verdade) e um tanto solitário, como eu, até pouco tempo antes. Surge aí outro grande amigo que trago comigo há quase 60 anos, como um vinho que envelhece e melhora a cada ano: Mauro Marcio de Oliveira. E assim eu troquei uma dupla por outra dupla, esta agora numa encruzilhada aberta a novas amizades e experiências. Foi assim que ampliei e renovei meu círculo de amigos de maneira assombrosa, em termos de número, qualidade e fração de tempo. Eu poucas semanas eu já alcançara o direito de ter um posto de observação, associado a uma penca de jovens da minha idade, junto à porta da Padaria Cinelândia, na esquina da Avenida Amazonas com a rua Aristóteles Caldeira.

O fato é que em torno de uma suposta “intelectualização”, valorizada especialmente por Erix, mais do que por mim mesmo, nos unimos e nos tornamos amigos. Mas acho que o fator que realmente nos aproximou foi aquela velha sintonia, difícil de explicar, mas muito palpável, que une os seres humanos, seja para a amizade ou para o amor, desde o início dos tempos. Ficamos amigos – e pronto. E ponto!

Celebramos esta amizade em ocasiões memoráveis, durante alguns anos, em dezenas de botequins, em mil conversas, na chácara de minha família em Contagem, numa fazenda remota no Oeste de Minas, onde passamos alguns dias de esbórnia, em 1966. Havia álcool em nossas tertúlias, quase sempre, com Erix nos ganhando na prova de resistência, eu e Mauro sucumbindo cedo. Mas nem sempre eram papos etílicos e, justiça seja feita, nunca precisamos de outro motor para o

exercício de uma “profunda” filosofia, derivada de nossas vivências e pequenas angústias, de nossa cara de pau e também de algumas leituras, quesito em que Erix e eu éramos amplamente superados por Mauro.

Pouco tempo depois, primeiro eu e depois ele, fizemos vestibular para cursar o que pediam nossos sonhos, a Faculdade de Medicina da UFMG. Cinquenta e poucos anos depois ele continua médico como sempre – e dos melhores. Eu, lamento dizer, abandonei a profissão.

Mauro foi estudar engenharia em Belo Horizonte, na velha faculdade da UFMG na rua dos Guaicurus, mas logo viu que sua praia era outra. Parou com aquilo com menos de um ano de estudos e foi prestar vestibular de agronomia em Viçosa, ele que de roça quase não conhecia nada. Mas aí já demonstrava um pouco de sua ousadia intelectual e existencial. Passamos a morar em cidades diferentes, o que se manteve após sua formatura, quando ele foi trabalhar na Bahia – mas nunca deixamos de ser amigos, mantendo, aliás, uma frequente e produtiva correspondência. Sim, cartas! Não é demais lembrar que não existia internet.

Mais tarde, mas bem antes de mim, Mauro mudou-se para Brasília, onde eu passei a visitá-lo com frequência, retomando o antigo fluxo da amizade. Entrementes, casou-se com Maria de Nazaré, dama de notável baianidade, de quem me fiz amigo desde o princípio. Não é pouca coisa: amizades de mais de cinquenta anos!

Erix continua em BH e nos vemos mais esporadicamente. Mas quando nos encontramos, os três, é bem fácil retomarmos papos interrompidos em alguma noite e em algum botequim do circuito da Barroca – Nova Suíça.

Este meu amigo Erix tinha o que ainda hoje se poderia chamar de um “pai legal”, ou, para usar palavras datadas, “barra limpa”. O Coronel da PM Agenor Mafra tinha tudo para fazer dele o que ele não era na realidade. Militar, formado no combate a meliantes e subversivos, fisionomia dura de quem não estava para brincadeiras. Mas isso era só aparência. Sendo meu amigo Erix seu único filho homem, Mafra, já reformado, dedicava a ele e aos amigos dele, entre os quais a minha pessoa, boa parte de seu tempo. E tome pescarias, passeios, conversas intermináveis, piadas sobre tudo e narrativas curiosas.

Na inauguração do Mineirão, por exemplo, em 1966, o Coronel não estava a fim de comparecer, mas nos levou gentilmente no seu Simca Chambord até as proximidades, em distância facilmente alcançável a pé. E foi nos buscar depois do jogo, também. Enfrentavam-se Seleção Mineira e Riverplate, da Argentina; nós mineiros ganhamos o jogo. Quando retornávamos ao ponto combinado de encontro, no chamado

Engenho Nogueira, onde hoje fica (ou ficava?) a sede da Usiminas, recebemos do Coronel Mafra o aviso que tínhamos que fazer força, pois um pneu do Simca tinha furado e ele havia perdido ou esquecido o macaco. Nos entreolhamos incrédulos, mas logo vimos que era real o que ouvíamos.

Fazer o quê? Força... E assim carregamos com galhardia aquele bólido por minutos intermináveis, enquanto Mafra, utilizando a gíria de caserna destinada a recrutas e subalternos, nos dava ordens seguidas. Como era comum naquele tempo – e com tais personagens – tudo terminou em brincadeira e total paz.

O Coronel Agenor foi também personagem de outra curiosa história. Em uma das pescarias que organizávamos periodicamente, nas quais ele comparecia talvez mais para usufruir da companhia do filho e de seus amigos do que por diversão própria, me ofereci para levá-los até a Fazenda das Areias, pra lá de Venda Nova, coisa de 40 quilômetros de BH, onde meu tio Roberto morava na ocasião. Havia ali três açudes e um corguinho promissor. Mafra era de Ferros ou alguma cidade vizinha, na mesma região do Mato Dentro onde ficava Itabira, terra de minha família. Quando chegamos, fiz logo as apresentações e os dois senhores começaram a conversar, meio formalmente. Mas como acontece nos encontros entre mineiros, em breves minutos já estavam trocando informações geográficas e genealógicas, descobrindo rapidamente a origem comum regional.

O próximo passo foi a revelação que haviam estudado na mesma escola, em Itabira. E o seguinte veio, depois de fração de segundo, quando meu tio Roberto exclamou, com a ênfase que lhe era peculiar: *mas você é o Cueca!* Ato contínuo: *e você o Borracho!* Foi assim que *Cueca* e *Borracho*, que nunca mais tinham se visto, se reencontraram meio século depois de sua convivência no Ginásio de Itabira, graças a minha intervenção.

### **Vitor Machado.**

Eu o conheci em 1982, quando era professor na UFU. Eu fazia parte de um projeto de extensão universitária e naquele momento era membro de uma banca de seleção de coordenador de uma das Unidades de Saúde integradas a projeto da Pró reitoria de extensão, sob o comando de minha amiga (onde andar?) Claudia Lucia Carneiro de Matos. Os candidatos eram, de maneira geral, revestidos da maior previsibilidade: médicos já atuantes na rede que desejavam, mais do que uma posição de poder, o adicional de salário que tal função lhes conferiria.

E foi em tal contexto que me surgiu aquele sujeito que viera de fora, um pouco sisudo, mas muito bem articulado. Uma daquelas pessoas que te olham de frente – e ele o fazia com leveza e confiabilidade, de uma maneira que seus olhos cinza-esverdeados pareciam demonstrar com

intensidade. Foi aprovado para a única vaga existente e pouco depois conseguiu outra função, para o que teve que reduzir sua carga horária na tal unidade. E, mais uma vez, honra-me muito dizê-lo, ele foi preencher a vaga que eu havia deixado na Diretoria Regional de Saúde, por ter sido, naquele momento, nomeado Secretário Municipal de Saúde.

Vitor Machado, mineiro de Araguari, médico formado em Brasília – *ecce homo*. Vivíamos ali em Uberlândia, naqueles anos agitados de começo de construção do novo sistema de saúde no Brasil, algumas aventuras e desventuras, que vale a pena transmitir aos de hoje, que acham que vivemos no Brasil atual o pior em matéria de política. Fiquem tranquilos meus amigos que alguma coisa mudou para melhor! Pelo menos antes das eras Dilma, Temer e, principalmente, do ignóbil Bolsonaro. Mas aconteceu, na ocasião, que as lideranças políticas do PMDB na cidade, partido do meu prefeito Zaire Rezende, e que estava com o mando de jogo na ocasião, resolveram implicar com Vitor, alegando ser ele ligado ao PT. Isso até podia ser – e era – verdade, mas o que movia aqueles políticos de aldeia era o fato de que a nomeação que tradicionalmente era deles lhes escapara das mãos. E o autor de tal façanha foi Ricardo de Freitas Scotti, técnico de carreira da SES-MG, naquele momento Diretor Regional de Saúde. Scotti teve que se explicar penosamente aos tais políticos e não muito tempo depois entregou, não sua cabeça, já que era funcionário de carreira, mas o cargo em Uberlândia.

Vitor, como eu dizia, vinha de fora de Uberlândia, de Itapuranga, no interior de Goiás, onde trabalhava com um grupo médico ligado à Igreja Católica, sob as asas benfazejas de D. Tomaz Balduino. Numa atitude natural, decorrente da posição militante do mentor do grupo, bem como da maioria de seus membros, aceitou o sacrifício de se candidatar a prefeito da pequena Itapuranga. Não ganhou e ainda foi perseguido, vindo para Uberlândia praticamente como um exilado, com a vantagem de estar próximo da família e ter conseguido dois empregos. Depois da estrada em Uberlândia ele retornou a Goiás, desta vez com destino a Ceres, também em Goiás, ainda integrado no mesmo grupo *tomista*.

No início do século XXI nos reencontramos, eu na UnB e ele em Ceres. Já nas primeiras conversas levantei com ele a possibilidade de que nossos alunos do sexto ano de medicina fossem estagiar na cidade goiana. Daí à ação transcorreram poucos meses. Sucesso absoluto, com Vitor na liderança, muito bem acompanhado por pessoas notáveis, tais como o casal Evando Queiroz e Esther Albuquerque, a médica Mila Cintra e outros. O apoio da UnB sempre foi mais simbólico do que prático, de maneira que os elogios devem ir, de fato e de direito, para este grupo de abnegados. Atualmente, quase duas décadas depois desses acontecimentos, Vitor persiste no acompanhamento desses alunos, sendo muito querido entre eles. Em 2014 foi um dos

homenageados principais dos formandos, fato inédito na história do curso de Medicina, no qual a regra sempre foi a de homenagear professores do quadro.

Voltando a mim, devo dizer que essa história de Ceres me é muito marcante e me abastece, mesmo passados tantos anos, a autoestima. Aliás, posso dizer que foi a melhor coisa – quase a única! – em que logrei obter real sucesso nos oito anos que passei como docente nas faculdades de Ciências da Saúde e Medicina da UnB.

### **Zé Olympio**

Já relatei aqui meus inéditos momentos de “queridinho” quando cheguei em Uberlândia, para ser o professor de Doenças Infecciosas e Parasitárias, em 1975, na recém-nascida e de nome redundante Escola de Medicina e Cirurgia. O fato é que agradei tanto, que no final do ano, tendo sido professor de duas turmas sucessivamente, uma “da vez” e a outra em atraso com a matéria, fui lembrado pela representação dos alunos no colegiado da faculdade como eventual indicado do corpo discente para a direção da instituição. Era demais para mim, bem o sei, mas devo dizer que me fez muito bem para a autoestima. Mas felizmente tais proponentes tiveram a sabedoria de se dobrar a outro nome, no caso, Arnaldo Godoy de Souza, um dos fundadores da faculdade e velha raposa política, mas portador de um grande e benfazejo carisma, perfeitamente talhado para uma missão assim.

Pois bem, chegou aos meus ouvidos, dias depois, que outro dos fundadores, José Olympio de Freitas Azevedo, que havia se afastado do dia a dia acadêmico por desavenças grupais internas, compareceu à tal reunião em que meu nome foi apresentado. Eu nem o conhecia pessoalmente, mas apenas pelo nome que ainda ecoava nos corredores. E ele não deixou por menos: quem é esse sujeito que eu nem conheço que vocês já querem indicar para diretor, assim sem mais nem menos? Um de seus adversários, presente, não perdeu a oportunidade de ironizar, criticando-o por ter se afastado das atividades docentes e que, por isso mesmo, nem mesmo saber quem era o jovem professor que os alunos tanto apreciavam ao ponto de recomendar seu nome para o cargo máximo da instituição.

Tudo teria ficado por isso mesmo, até que um dia... Creio que era um domingo. Eu estava em casa distraído as crianças. O telefone toca. Era José Olympio, pigarreando nervosamente, coisa que mais tarde descobri ser um tique de ansiedade nele. Queria porque queria conversar comigo. Urgente. Na sua ansiedade acabou dizendo o motivo: queria me pedir desculpas. E eu não conseguia saber exatamente por que. Afinal haviam se passado meses desde que proferiu aquela frase infeliz. E ele veio até mim, com cortesia e humildade, agora mais calmo. Disse que realmente cometera um erro, mas que logo tivera outras informações

sobre a minha pessoa e que julgava agora que eu era totalmente merecedor do cargo. Aliás, completou, a faculdade estaria em muito melhores mãos se fosse eu o diretor (não nos esqueçamos: ele pertencia ao grupo rival a Arnaldo Godoy). Ri muito, agradei e lhe reiterei que não precisava se preocupar, por não houver derrota para mim, que nem pleiteara aquilo e, muito antes pelo contrário, a sensação que tinha era de alívio em não ter sido escolhido na ocasião.

Ato contínuo me convidou e a Eliane para uma festa de sua família e me apresentou a muita gente graúda em Uberlândia, inclusive ao futuro prefeito Zaire Rezende, que tinha com ele relações de família, com quem acabei indo trabalhar como Secretário Municipal de Saúde em seus dois mandatos. Isso mudou minha vida mais tarde, embora o mesmo Zé Olympio não fizesse muita fé na nossa gestão municipal.

Nem sempre tivemos sintonia ideológica. J. O. era simpatizante do velho Partidão, honrando a memória do pai, Afrânio de Azevedo, deputado federal pelo mesmo na Constituinte de 1946. Tinha como lógica política aquela história de se abrir a alianças heterodoxas, mesmo com os inimigos de ontem, se a causa fosse justa. Eu, nem tanto. Mas perdoemos, o que se viu mais tarde, com a esquerda no poder, foi exatamente isso. Mas o fato é que entre nós sempre prevaleceu uma relação de amizade e muito respeito.

Lamento muito as últimas notícias que tive de José Olympio, preso ao mundo escuro e sem comunicação da Doença de Alzheimer ou alguma síndrome assemelhada. Mas ele deixou sua marca na história da Faculdade de Medicina da UFU e da própria cidade de Uberlândia, sem dúvida. E me abriu caminhos para uma posição com a qual eu jamais sonhara e que efetivamente mudou minha vida.

### **Carlo Zanetti**

Fomos colegas no Mestrado da Escola Nacional de Saúde Pública, entre 1989 e 1990. Eu parecia meio deslocado diante daquela turma de pessoas bem mais jovens do que eu, alguns com praticamente a metade dos anos de vida que eu acumulava. Era o caso dele, Carlo Henrique Goretti Zanetti, um dentista de Juiz de Fora. Se eu me sentia deslocado com o resto da turma, com ele a simpatia foi mútua e imediata. Em pouco tempo já nos procurávamos ao final da jornada para juntos irmos pegar o ônibus ou o metrô, na Estação Del Castilho, ali perto.

Logo percebi que o meu novo amigo tinha uma inteligência acima da média. Lia aqueles textos áridos, de Marx e cia, com voracidade e sempre tinha algo a dizer sobre eles – é bem verdade que nem sempre de forma que alguém bem entendesse. Mas nisso se equiparava aos respectivos pensadores. Bem no início da era da informática ele já

entendia tudo dos devices e gadgets disponíveis no mercado e, para meu pasmo e admiração, sabia operar múltiplos programas em um computador, como se convivesse com tal máquina desde seu nascimento.

Caso que hoje levo com leveza e até galhofa: frente à minha argumentação de que certas coisas eu sabia, não de leituras como as dele, mas de minha prática como médico, como gestor de saúde, dos meus anos de estrada, enfim, saiu-se com esta: *parece que esta sua prática está lhe obnubilando...* Meu primeiro impulso foi o de mostrar-lhe qual era seu lugar, e que me respeitasse. Mas deixei passar, e fiz bem. Aquele era o jeito Carlo Zanetti de ser e se lhe sobrava, algumas vezes, certa arrogância ingênua, mais fartura havia no que lhe vinha do coração. Mais prestativo e companheiro, impossível.

Quis o destino que nos revíssemos em Brasília, alguns anos depois, ele agora concursado na Faculdade de Odontologia da UnB. A amizade que nos unia contagiou, de imediato, sua companheira de então, a linda e doce Raquel Assad, que se tornou mãe, na ocasião, da não menos linda e doce Hannah, já agora uma advogada. E por falar em mulheres fui testemunha ocular de seu afastamento de Raquel, acompanhado por enorme sofrimento, simultâneo ao agudo e apaixonado enamoramento por Marina, também uma moça lindíssima. Eis que meu amigo, além de tantas qualidades, tem enorme bom gosto para mulheres.

Fizemos algumas coisas juntos, como consultorias pontuais e participação minha em cursos de especialização coordenados por ele. Às vezes ficamos meses sem nos ver, principalmente depois que deixei de frequentar os corredores da UnB, mas quando nos encontramos é como se nos tivéssemos despedido na véspera. Cortês como poucos, não deixa de deplorar o fato de que ele bem gostaria de ser como eu, que valoriza e procura os amigos, ao contrário dele, que se sente um bicho do mato. Bobagem... Nossa amizade não precisa disso.

Meu amigo é um ser curioso, ao associar, de forma profunda, militância política; conhecimento teórico; raciocínio e argumentação poderosos; domínio tecnológico; espiritualidade e grande capacidade (ou inteligência, se quiserem) afetiva. Em um passo em falso, em 2016, aceitou ser superintendente de uma das regionais de saúde do Distrito Federal. Durou bem pouco no cargo, não por falta de habilitação e qualidades, mas certamente por tê-las em excesso.

Zanetti é tão profundo que, ao resolver começar a construir uma casa junto com sua amada Marina, fez vestibular para engenharia e chegou mesmo a começar a frequentar a faculdade, onde creio ter trancado a matrícula, por compromissos profissionais diversos, sempre em regime de voluntariado e cortesia, dos quais tem enorme dificuldade em escapar.

## **Zé Lapicho**

Eu tentava, de maneira muito desajeitada, consertar um pedaço de cerca de arame farpado, junto com meu filho Mauricio, então adolescente, quase ou tão mais desajeitado do que o pai, mas carregado de boa vontade. Eu havia comprado recentemente aquele terreno no Povoado do Moinho, na Chapada dos Veadeiros, Goiás e encontrara ali um lugar muito agradável, mas com milhões de coisas para fazer, a começar da casa, uma tapera inacabada, prestes a ser invadida pelo mato e já habitada pelas galinhas da vizinhança.

A cerca, na verdade, nem merecia este nome; em muitas partes era formada apenas por um ou dois fios de arame, se arrastando pelo chão, entre paus carcomidos pelo cupim ou pela podridão da madeira velha e de má qualidade. Eis que se aproxima alguém dando vista de quem queria ajudar. Pequeno, mulato claro, magrinho como ele só, idade indefinida, mas certamente passando dos sessenta, bem sertanejo, foi logo dizendo aquele ‘tarde moço, típico da nossa zona rural. – Boa tarde, tudo bem? Acho que estamos levando uma surra dessa cerca... – Mas vocês não estão fazendo a coisa direito... Não tenho nada com isso, mas posso ensinar... Sua casa era bem em frente, descobrimos. Foi lá dentro e veio armado com um simples martelo e alguns pregos. Com uma pequena acha de pau, firme, jogada pelo chão, improvisou uma alavanca. E agora munido de tal ferramenta, esticou os fios bambos do arame, dando-lhes logo a tensão de cordas de viola, com cuidado para não romperem, pois estavam também bem marcados pelo tempo, com ferrugem evidente. Com os fios esticados, no jeito, ficou fácil utilizar aquele martelo e alguns grampos, para fixá-los nos postes remanescentes.

Pegamos então de papo, agradecidos e ali mesmo nos apresentamos e fomos apresentados a uma figura que considero marcante em minha vida: José Osmânio, dito Zé Lapicho, ou Seu Zé, meu vizinho, meu amigo, com quem convivi e aprendi muitas coisas, durante mais de 20 anos de convivência afetuosa e respeitosa. Ele morava ali no Moinho havia bem uns quarenta anos, vindo da Bahia. Sua história merece parágrafos próprios.

Nascera e fora criado no sertão de Barreiras, beira do Rio Grande da Bahia, afluente importante do Velho Chico. Nunca conheceu pai e sua mãe era muito pobre, trabalhando como agregada na propriedade de uma família de posses da região. Ele, criança ainda, vivia como aderente de tal família, que talvez o tratasse como “cria”, sujeito a trabalhos pesados. Escola, nem pensar. De repente, a mãe morre e ele agora vai trabalhar junto à matrona da família, como uma espécie de criado doméstico, em uma situação que certamente se parecia muito com o que Monteiro Lobato narrou no seu pungente conto Negrinha.

Aos quinze anos, revoltado com os castigos físicos que recebia, faz uma promessa a si mesmo: da próxima vez que apanhasse daquele jeito, iria embora, da fazenda, de Barreiras, da Bahia; fosse o que Deus quisesse. E caiu no mundo com um grupo de garimpeiros, que vinha para o remoto Goiás em busca das pedras valiosas de cristal de rocha. Foram muitos anos na dura luta, entre pás e picaretas, muita lama e cascalho e carregar, jornadas de doze horas ao dia, abrigos e comida muito precários. Desta época ele me relatou ter ouvido falar de uma tropelia de gente que andava por aquele mundo perdido, tomando animais e mantimentos das pessoas. Suponho que tenham sido notícias da famosa Coluna Prestes e isso dá bem um registro da época em que nosso personagem já rolava por este mundão de Deus.

Depois de muitas andanças, veio parar no sertão dos Veadeiros e ali conhece a cabocla Inês, a nossa Dona Inês, com quem se casou e teve três filhos. Agora não mais garimpava cristais, mas lavrava terra alheia para sustento da família, onde, suponho, nunca obteve excedentes para venda ou qualquer forma de acumulação. Assim chegou à Vila do Moinho, mais próxima da atual cidade de Alto Paraíso, sede de escola, igreja e posto de saúde, ali construindo casa e criando os filhos. Nossos encontros eram mensais, às vezes nem isso. Quando ele não vinha até a minha casa, era eu que o visitava. Disse-me um dia que tinha algum pudor em vir, porque sabia que eu estava ali para descansar e não para receber visitas. Na verdade, depois fiquei sabendo, ele tinha sido mal recebido por um dos brasilienses que lá também tinha casa, porque o energúmeno, por ironia um alto funcionário de tribunais superiores, achou que ele lhe queria roubar alguma coisa. Mas o tranquilizei a respeito disso e suas visitas então se amiudaram.

Um dia, sabendo do meu interesse pela cultura sertaneja e também devido a acolhida que eu lhe dedicava, me disse que preparara uma surpresa para me dar de presente, embora demonstrasse certa timidez em oferecê-la. Estimulei-o a trazer, imediatamente, o tal regalo. E assim fui apresentado ao artifício, uma ferramenta produtora de fogo, um verdadeiro isqueiro caipira, formado por um tipo especial de pedra, o *figado de galinha*; uma pequena barra de aço de facão, devidamente temperada no fogo; um recipiente feito de chifre (ou eventualmente vagem de jatobá), que ele denominava *curnimboque*. E assim, ao se bater na pedra com o aço, saltavam pequenas fagulhas que iam incendiar, depois de algumas assopradas, o algodão que estava inserido no tal recipiente. Simples assim. E ele me assegurou que o fogo gerado pelo tal artifício era dos mais difíceis de apagar. Pode ser, mas difícil de extinguir mesmo, apesar de tudo, eram os restos de uma cultura centenária que algumas pessoas, nos dias de hoje, ainda conseguem carregar consigo. Não seria mais fácil comprar um isqueiro Bic, destes que se vendem em qualquer vendinha de beira de estrada?

Um dia me contou de seus planos de rever a sua Barreiras natal. Graças ao Pastor de sua Igreja (e de todos os habitantes do Moinho, por sinal), conseguiu um contato com outro estabelecimento neopentecostal de lá e, ato contínuo, foi possível localizar vários descendentes da família com a qual vivera. A megera, felizmente, já tinha morrido. Era gente bem situada, que fez questão de convidar o remoto quase parente a visitá-los. E ele ficou completamente entusiasmado com a ideia – nem era para menos. Dei-lhe a força necessária, com meus argumentos favoráveis e também ajudei com algum dinheirinho. E lá se foi ele, no carro do filho Expedito, viagem que se repetiu mais uma ou duas vezes, inclusive com a vinda dos baianos para visitá-lo no Moinho. E foi uma alegria ver as fotos da roda de jovens em torno dele, nas praias do belo rio Grande que banha a cidade de Barreiras. Turismo de verdade é isso!

Faleceu em 2013, com idade ignorada, mas certamente passando bem dos noventa. Não pude levá-lo ao pequeno e tosco cemitério do Moinho e lamentei por isso. Mas Zé Lapicho, mesmo depois de morto, continuou presente: não posso me esquecer da cena, um mês depois de sua morte, em que eu e seu filho Dito nos abraçamos e choramos, juntos, copiosamente aquela perda tão sentida. É isso aí: as perdas às vezes trazem ganhos dentro de si...

### **Amaro Luiz Alves**

Eu estava recém chegado em Brasília, em 1991, e trabalhava em um convênio da Fundação Nacional de Saúde com o IBAM, uma ONG do Rio de Janeiro. Uma reunião de apresentação de nosso trabalho foi marcada com a recém nomeada presidente da Funasa, Isabel Stéfano, uma enfermeira jovem e charmosa, carregada de boas intenções, mas maltratada e expelida do cargo em pouco tempo pela tropa de choque collorida.

Ali, eu me apresentei formalmente e de maneira sucinta, como achei que convinha à formalidade da ocasião, me identificando como médico, ex-gestor municipal de saúde, professor universitário e mestrando na Fiocruz. O que eu não esperava é que aquele homem alto, calvo, negro, também presente na mesa, na condição de assessor da presidência, ao terminar a rodada das apresentações, disse algo absolutamente surpreendente, ou seja, que iria fazer o que eu deveria ter feito e não fiz, ou seja, uma apresentação sem as omissões que eu cometera. Naquele momento, eu pensei, de fato, que havia feito ou falado algo errado. Mas não foi o caso. O homem desfiou todos os meus títulos e feitos, principalmente aqueles relativos a minha participação na fundação do Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde e ao reconhecimento amplo, segundo ele, que a administração municipal de saúde em Uberlândia tinha granjeado, sob o meu comando direto. Eu só o conhecia de vista e fiquei surpreso com o fato de ele deter tantas informações sobre a minha pessoa.

Só depois descobri que profundidade e certo ímpeto metuculoso e de buscar o âmago das coisas faziam parte da personalidade deste sujeito notável, que mais tarde se transformou em um grande amigo meu: Amaro Luiz Alves. Aos poucos nos aproximamos. Logo descobrimos uma amizade comum, Mauro Marcio de Oliveira, que havia sido seu colega na consultoria parlamentar do Senado. Uma reunião de trabalho em seu bem cuidado sítio, nos altos chapadões a Leste de Brasília logo me mostrou e fez comungar com seu lado “natureza”. Quando se aposentou, definitivamente, passei a admirá-lo mais ainda, ao ver que ele tornara concreto e palpável um dito que venho repetindo há anos: ter saúde é ter projetos. E o seu projeto, no caso, foi desenvolver seus dotes de fotógrafo de aves e de natureza em geral. Amaro é hoje um dos maiores deles, em termos nacionais, com livros publicados e exposições em toda parte. Para tanto, viaja como um possesso (do bem), o que infelizmente lhe rouba do convívio mais direto com os amigos.

Tem bagagem este homem. Filho de família pobre do subúrbio carioca, estudou no Colégio Pedro II, que apesar de público costumava ser frequentado pela elite. Frequentou também a Academia da Força Aérea em Barbacena, onde teve como colega ninguém menos do Ronnie Von, mas logo viu que a carreira de piloto e oficial era para os outros, mais arianos do que ele. O cantor também acabou desistindo, mas certamente por outros motivos. Fez concurso para a Petrobrás e durante alguns anos virou petroleiro. Trabalhando em refinaria, em Betim, cursou Administração na UFMG. Ato contínuo foi aprovado em concurso para o Ministério da Saúde, em Brasília. Era membro da carreira delfiniana dos planejadores, voltados à perpetuação daquele milagre que não houve, mas nem por isso eivou-se de arrogância ou deixou de considerar as outras interpretações dos processos de planejamento e gestão de saúde presentes no cenário. Como se não bastasse, coordenou a edição de textos memoráveis, na condição de técnico do MS, um sobre Acidentes Ofídicos e outro sobre Doenças da População Afrodescendente.

Tive a honra de receber a visita dele e da esposa em Uberlândia, em minha segunda passagem por lá, quando do nascimento de Flavinho. Na ocasião, ele pôde oferecer aos jovens membros de um setor da Prefeitura voltado para a igualdade racial, sábios conselhos, totalmente distantes da lógica negativa e revanchista que ali até então fazia ponto.

Em seu sítio nas Mansões Itaipu, agora transformado em condomínio familiar, passei bons momentos. Comemorei os três anos de Flavinho lá, em uma grande festa de família e amigos, na qual a grande estrela, além do aniversariante, foi a pequena Sophia, com apenas dois meses de vida. Ali o capricho no trato com a mãe natura e mesmo com as construções foi sempre proverbial. Na época, tinha mandado datar, por uma equipe de botânicos da UnB, uma portentosa sucupira branca lá

existente. Sabem quantos anos? Quinhentos! Aquela Majestade já estava ali quando o Brasil foi descoberto. A árvore é a cara dele, no seu traço rústico e refinado ao mesmo tempo, acolhedor de tanta gente e tantos projetos vivos, debaixo de sua sombra.

Amaro tem um lado que ainda não consegui explorar melhor, por modéstia dele. É dado também ao registro escrito de memórias e já pude conhecer pelo menos dois saborosos textos seus, sobre passagens de sua infância em Jacarepaguá, em um dos quais um personagem é Pixinguinha, em pessoa. Como todo homem de bem, forte e realizado, Amaro tem a seu lado uma companheira de sua estatura moral e afetiva – embora seja uma mulher pequena, diante dos quase um metro e noventa de altura do Príncipe Etíope que a acompanha. Ela é Dona Márcia, a quem muito admiro também.

As eleições de 2018, é pena, nos separaram. Eu já lhe pedi desculpas, entretanto, e ainda aguardo sua manifestação.

### **Maria Helena Brandão Oliveira**

Já falei aqui da minha amizade e devoção á uma figura verdadeiramente paterna para mim, Dr. José Garcia Brandão, de Patrocínio. E também do que ele me dizia de sua filha, que morava na época em BH: você vai gostar dela; pensa as mesmas coisas que você... Algum tempo depois de fato a conheci, Maria Helena Brandão Oliveira, mais precisamente em 1980, quando ela e seu marido Luiz Felipe vieram morar e trabalhar em Uberlândia. Ela me veio recomendada, também, por minha cunhada Lucia Horta Figueiredo, de quem já era amiga e parceira de trabalho em uma unidade de saúde na periferia da Capital. Mesmo sem tais recomendações, tenho certeza, nossa empatia teria sido imediata e irreversível. E ela acabou por trabalhar junto comigo na Diretoria Regional de Saúde, o que me abriu novos horizontes.

Na ocasião, eu estava recém-chegado de um curso de especialização em planejamento de saúde, na Fiocruz, e já percebia que minha vida de burocrata não seria a mesma, depois de ter sido apresentado a tantas novidades no Rio de Janeiro. E foi assim que começamos, ela e eu, freneticamente, a pensar coisas novas, muitas delas, realmente impraticáveis, pois estávamos dentro de uma estrutura muito conservadora e rígida. Mas se ter saúde é ter projetos, nós dois estávamos, ambos, quase que adoecidos de tantos projetos. Realizamos, talvez, menos da metade deles, mas valeu a pena.

A amizade e a admiração por Maria Helena logo se estendeu a Eliane e a meus filhos pequenos, que a têm, mais do que uma pessoa da família, como um anjo benfazejo, a quem se recorre nas horas boas e más da vida. Tudo isso foi consolidado e eternizado, anos depois, quando ela adotou uma criança – com muito orgulho, meu afilhado Pedro! – a quem

Eliane e eu fomos buscar, numa manhã de um domingo em 1985, nos Sertões de Goiás.

Para resumir o que me une a esta pessoa admirável, posso dizer que devo a ela grande parte do que hoje constitui a minha capacidade técnica. Eu era apenas um médico clínico quando fui cursar a ENSP/Fiocruz, no Rio. E não voltei de lá muito diferente disso. De tudo que aprendi, depois, a respeito de planejamento, gestão, participação, modelo assistencial, direitos de usuários, educação em saúde, devo muito a ela.

Mas não é só isso. Devo dizer também que ela é a pessoa mais coerente que conheço, mesmo que isso às vezes incomode a quem lhe está próximo, e também a mais generosa e disposta a fazer junto, que é uma expressão que ela muito aprecia.

Dr. Brandão estava certo: você vai gostar dela; pensa as mesmas coisas que você. E eu acrescentaria: pude também aprender e pensar junto com ela muitas outras coisas.

### **Eduardo Sampaio Guerra**

Lembro, na minha infância, que minha avó Dodora e outras pessoas da família frequentemente faziam menção a um verdadeiro surto de nascimentos ocorridos, na família ou entre gente amiga, no ano em que eu nasci, 1948. Sempre penei com o fato de não ter conhecido quase nenhum representante de tal evento, com exceção de dois primos queridos: Francisco Marcos Castilho Santos e Euridice Goulart Naves, por parte de mãe e de pai, respectivamente.

Entre os mais falados dos nascidos em 1948 estava um Eduardo, sobrinho de minha tia Marita, que nascera e vivia em Acesita, no atual Vale do Aço, lugar em que seu pai, Pedro Guerra era médico. Este era dos mais citados, dada a proximidade familiar, sendo sobrinho “torto” também de meu tio Virgílio, de quem eu era muito próximo. Nas férias de 1961 ou 62, fui passar uns dias em Acesita, a convite de Sãozinha, irmã de Marita, e pude finalmente conhecer a tal figura coetânea. E fomos de imediato com a cara um do outro. Ele era o único filho homem do casal Pedro e Jenny, tendo duas irmãs mais velhas. Minha ligação afetiva, aliás, se deu com toda a família, sendo tratado ali como se fosse um antigo conhecido. Careca era o nome familiar pelo qual era conhecido desde a infância, devido a sua testa longa, e a justificativa para tal apelido, dado pelo seu próprio pai, só fez aumentar com a idade.

Dos primeiros pileques e dos primeiros namoricos é difícil esquecer... E naquelas férias, e também naquelas que vieram na sequência, ali em Acesita, este foi um exercício contumaz nosso. Houve também a história de um carro roubado, de seu tio Alfredo, para uma épica volta no

quarteirão apenas, mas ele hoje jura que não participou disso. Há controvérsias, contudo. Nos namoricos, talvez não fôssemos tão solidários, pois as garotas disponíveis eram todas suas primas – e ele talvez preferisse algo menos consanguíneo.

Apesar de ele ter feito o ginásio e o curso colegial em Belo Horizonte, na mesma época do que eu, mas em colégios separados, neste período raramente nos encontramos. Aliás, nos perdemos de vista durante mais de vinte anos. Quando vim morar em Brasília, em 1991, pude reencontrá-lo, agora anestesista e liderança médica no DF.

Em rápidas palavras, Eduardo Pinheiro Guerra é um tipo bonachão de quem é uma delícia ser amigo. Tem histórias e piadas para todas as situações, seja de forma presencial ou pela internet. Entre outras coisas, me impressiona muito sua capacidade empreendedora e voltada para coisas coletivas, o que associa com uma vida pessoal plena do afeto da família e dos amigos. Além de presidente do Conselho Regional de Medicina, foi também diretor de um setor do Ministério da Saúde e Subsecretário de Saúde do DF. Como se não bastasse, formou-se também em Direito e, depois de aposentado, ainda arranjou tempo para assumir um cargo de assessoria no Ministério Público, além da presidência da Associação dos Produtores do Lago Oeste, onde tem sítio e casa. No Ministério Público, para mim, ele representa a possibilidade, confirmada, aliás, de que Suas Excelências não cometam os equívocos que volta e meia se vê por aí. Como disse outro Promotor que conheci, este mais lúcido: gente que levanta à noite para beber água na cozinha e dá uma entrevista, a esmo, quando a luz da geladeira se acende.

Acima de tudo, Careca é um amigo fiel e presente. Tenho com ele muito mais proximidade do que tenho com meus primos Guerra Andrade, tão chegados a ele quanto a mim.

Em duas ocasiões, fevereiro de 2019 e setembro de 2022 tive oportunidade de não só ficar hospedado em sua casa, como também passear com ele por recantos adoráveis, em sua nova moradia: Braga, Portugal. Acho que ele não voltará mais para viver no Brasil. É pena, por um lado, mas por outro, cria motivo para estar com ele e Célia em suas novas lati-longitudes.

### **Caio Moreira**

Já relatei, naquela Lição de Anatomia que abre minha vida de noviço, o convite que uma colega me fez para fazer parte de seu grupo de dissecação. Ela era Beth Borges, que cedo e tragicamente nos deixou e um dos convidados, que eu também não conhecia até então, era seu namorado Caio Moreira. Neste grupo eu conheci Eliane, com quem vim a me casar. Beth era linda, seguramente a mais bela das colegas, mas

Caio não fazia má figura perto dela, não tanto por sua aparência, apenas mediana, mas pela sua presença e personalidades cativantes.

Ele era um pouco mais velho – coisa de um ou dois anos – do que a média dos calouros da época, mas sem dúvida se impunha pela experiência de vida que demonstrava ter. Tinha nascido em Santa Luzia, bem perto de BH, mas passara sua juventude em São Paulo, onde levara uma vida bastante puxada, entre estudo e trabalho. Já tinha tentado vestibular na USP, sem sucesso, quando veio parar na UFMG. Caio e Beth faziam o típico *casal vinte*. Charmosos, inteligentes, cultos, articulados e, sobretudo, bem relacionados. Possuíam uma liderança verdadeiramente natural entre os colegas.

Logo eu e Eliane passamos a fazer parte daquele círculo que eles capitaneavam. Graças a tal proximidade, Caio me fez parte do convite que recebeu, em 1969, para compor com outros dois colegas o time que ia revolucionar (assim nós achávamos) o ensino da biologia em um tradicional colégio católico de BH. Isso fez aprofundar ainda mais nossa amizade, já que passamos a conviver e trabalhar juntos pelos quatro anos seguintes.

Neste meio tempo, o casal-vinte se fendeu. E eu sabia da verdade, havia aparecido alguém no pedaço e Caio se rendera. Era uma mulher mais velha, longe de ser tão bonita como Beth, mas de forte presença e simpatia também. Inês de Castro, era este o significativo nome da recém-chegada. Mas assim como era antes, continuamos amigos do novo casal. Sem abandonar a antiga namorada, Beth, de quem fomos, Eliane e eu, padrinhos de casamento algum tempo depois.

Caio Moreira teve uma carreira médica insólita. Durante todo o curso mostrou forte inclinação pela ciência básica, tendo renunciado à clínica, na qual se destacava, para fazer um mestrado em Parasitologia. E não é que, de repente, dois anos depois, ao defender uma profunda dissertação sobre toxoplasmose, buscou uma nova mudança repentina e inesperada em sua vida, passando a estudar e em seguida clinicar na reumatologia? E foi muito bem-sucedido nisso, chegando mesmo a ocupar postos de direção na sociedade nacional da especialidade, tendo se tornado, inclusive, amigo e colaborador direto de ninguém menos do que Pedro Nava.

Perdemos o contato por várias vezes ao longo dos cinquenta anos que nos conhecemos. Mas o reencontro sempre aconteceu e acontecerá. E nossas conversas são retomadas como se tivessem sido interrompidas ainda ontem. Admiro em Caio Moreira a inteligência, a capacidade clínica, a visão larga da vida, a bizarrice de quem nunca aprendeu a dirigir carro nem usar telefone celular. Admiro, principalmente, neste cara notável, a quem sempre e ineditamente beijo quando encontro (e

sou correspondido), para dizer em palavras simples, a generosidade que faz par com a amizade.

### **Karsten e Sylvia Montag**

Posso dizer que fui apresentado a Karsten e Sylvia Montag, um casal de alemães, por intermédio de nossos cachorros. Creio que isso deve ser uma coisa comum, em qualquer lugar do mundo, dado o fato de que os cães não têm os preconceitos nem as convenções sociais que regem a vida dos seres humanos. E além do mais não têm barreiras linguísticas, pois latem da mesma forma em todas as latitudes e longitudes. Sei até de casamentos – humanos – que começaram assim.

O caso presente se deu em 2015, quando eu fazia a habitual caminhada com meus cães Bolt e Princesa, pelo cerrado das Taboquinhas, próximo ao Condomínio Verde, onde morei entre 2011 e 2023. No caminho, certo dia (e nos outros também), me deparei com um casal, e com eles um cachorro, de nome humano e comportamento exemplar, Lucas. No primeiro encontro foram apenas cumprimentos formais, dificultados pela dificuldade de Karsten, menos tímido do que Sylvia, sem dúvida, mas ainda iniciante no português. Os três cães, parece que se deram bem. Mas como o encontro se repetiu, agora só com o marido, já que ele tinha a responsabilidade cotidiana de levar Lucas a passeio, enquanto a esposa ia trabalhar, os papos começaram a fluir, facilitados ainda mais quando me dispus a conversar em inglês, língua que ele domina muito bem, embora eu apenas em regime *half-mouth*...

O casal veio ao Brasil devido a um contrato de cooperação técnica, na área de Meio Ambiente, tendo Sylvia como consultora. Antes ela trabalhara com algo semelhante em Portugal e ali aprendeu bom português, desenvolvendo um gracioso sotaque luso-alemão. Karsten veio como marido e acompanhante, o que para um alemão, definitivamente, não é nenhum problema. Antes ele trabalhou na Alemanha com consultor na área de tecnologia de frios, tendo abandonado, pela metade, um curso de engenharia mecânica. Mas a mecânica reside nele, hábil consertador de veículos e de tudo mais que combine metal e eletricidade e que porventura venha a se estragar. No Brasil ele passou a se dedicar a atividades físicas, como natação e caminhadas, destas últimas tendo me transformado em companheiro constante.

A partir dos primeiros encontros e conversas, nossa cumplicidade cresceu ao ponto de nos frequentarmos a domicílio e também de esporadicamente fazermos viagens juntos, a quatro. Ele resolveu a levar seriamente no Brasil, também, sua carreira de escritor, estando já no segundo ou terceiro romance, tendo como tema a *science fiction*, com profunda crítica à sociedade telemática atual. Pena que ele escreve em alemão e assim eu não posso ter acesso a sua obra. Nossas

caminhadas, que passaram a alternar a comunicação em português e em inglês, dada sua melhoria rápida e impressionante no domínio do nosso idioma, primavam, em primeiro lugar pela constância e pela abundância de assunto.

Com efeito, percorríamos temas que variavam desde as curiosidades linguísticas e culturais de nossos países à questão indígena; da mecânica dos motores a explosão à política brasileira, alemã e europeia; do comportamento canino ao estabelecimento de um governo mundial e da economia solidária. Uma pauta realmente ampla, ambiciosa e inesgotável, da qual frequentemente achávamos graça, ao constatar que será impossível chegar a qualquer conclusão sólida e realmente eficaz para todas as situações.

Karsten e Sylvia amam o Brasil como poucos de nós brasileiros sabemos fazê-lo. Eu às vezes falava com ele que isso poderia ser um problema, pois os impediria de serem mais críticos. Você pensa como um alemão; eu como um brasileiro, às vezes lhe dizia, para justificar meu pessimismo com este país infeliz em que vivemos.

No momento em que escrevo, os desígnios do casal eram os mais promissores e ainda os fazem mais queridos. Depois mudou tudo. Estavam se preparando formalmente para adotar um brasileirinho, com preferência para a cor negra ou parda e idade em torno de oito anos. Sylvia conseguiria um prolongamento de seu contrato por mais dois ou três anos. Pensavam também em comprar um terreno na Chapada dos Veadeiros para ali montar uma pousada, no futuro. Karsten sempre se exultava cada vez que se dava conta que seus laços com o Brasil estavam se estreitando. Chegou a me dizer que, se dependesse somente de si, pretendia morar aqui para sempre.

Tudo bem, admito: pensar como um alemão também pode ser boa coisa. Mas brasileiramente, acima de tudo, devo admitir que esta amizade me enriqueceu muito, me tornando cada dia mais culto e informado, sabendo até mesmo apreciar com menos preconceito este pobre país em que nos é dado viver.

Mas como a vida dá voltas, *Herr und Frau Montag* cancelaram os planos de adoção, de aquisição de bens e mesmo de permanência no Brasil e retornaram à Europa em 2018. Um ano depois pude visitá-lo, naquele momento em solidão completa, já que Sylvia havia retornado à Alemanha, residindo em um camping totalmente selvagem na Praia do Amado, Vila do Bispo, Algarve, Portugal. A sensação é a de que dificilmente nos encontraríamos novamente. Mas, e daí?

Depois disso tive a triste notícia de que ele e Sylvia já não formam um casal. Quem sou eu para reprovar ou mesmo discutir isso?

Há um ano atrás (julho de 2023) recebi dele a mensagem seguinte, que acho ilustrar, melhor do que com quaisquer palavras minhas, o modo de pensar e de viver deste ilustre e querido cidadão do mundo. Mesmo que ele tenha utilizado um *Google-traductor* usual, dá para ver que o ajuste final do texto, que deve ser dele mesmo, é perfeito.

<<Prezado Flávio,

É bom ter notícias suas. Viajo novamente desde setembro do ano passado e passei algum tempo em Montenegro e na Albânia. Desde dezembro, ficou na Grécia. Nesse meio tempo, tive que ir à Alemanha para remover pedras nos rins.

Agora trabalho como jornalista e posso viver de minha renda. Porque eu escrevo principalmente para um meio de comunicação da oposição alemã, protegi meu blog de viagens com senha: Endereço: <http://nixwieweg.karstenmontag.de/> - Benutzername: Besucher - Passwort: nixwieweg23

Tendo em vista a perseguição a jornalistas e publicitários na Alemanha que não se conformam com o governo (bloqueio e encerramento de contas bancárias, processos criminais por motivos implausíveis, proibição de aparições públicas em alguns locais, difamação em meios de comunicação de massa influentes), não quero revelar muito da minha vida privada publicamente. Nesse meio tempo, ganhei certa notoriedade por meio de minha pesquisa baseada em dados de massa, que não raro contradizem claramente a versão do governo.

Há um ano estou com uma amiga que conheço há mais de 30 anos. Ela me visita regularmente em minhas viagens. Loukas está bem mais velho agora. Mas ele ainda é muito ágil e cheio de vida.

É bom saber que você está bem e que tem um relacionamento comprometido.

Na Alemanha, há um movimento semelhante ao bolsonarismo no Brasil. O partido se chama "Alternative für Deutschland (AfD)" (Alternativa para a Alemanha). Ele obteve dez por cento dos votos na última eleição federal em 2021. Em alguns aspectos (política do coronavírus, fornecimento de armas à Ucrânia), é o único partido que tem uma política de oposição consistente no parlamento. Em outros aspectos, no entanto, ele é definitivamente inelegível para alguém como eu, que adere a uma posição política de esquerda. O AfD é elitista, representa os interesses dos ricos e conquista votos na margem direita do eleitorado por meio de uma atitude xenófoba abertamente demonstrada.

Entretanto, na ausência de uma política de oposição consistente na margem esquerda do espectro político na Alemanha, o AfD está crescendo significativamente nas pesquisas. Mais recentemente, estava em 21%. Enquanto isso, políticos do partido estão sendo eleitos como prefeitos e conselheiros distritais.

Partidos anteriormente claramente de esquerda, como o "Sozialdemokratische Partei Deutschlands" (SPD) (Partido Social-Democrata da Alemanha) e "die Grünen" (os Verdes), vêm adotando políticas neoliberais há pelo menos 25 anos. Sob a responsabilidade de seu governo, a diferença entre ricos e pobres aumentou, eles foram responsáveis pela participação em várias guerras de agressão, violando o direito internacional, e restringiram as liberdades civis na crise do coronavírus de forma ainda mais restritiva do que o governo anterior. O último partido de esquerda remanescente no parlamento, chamado "Die Linke" (A Esquerda), com o menor número de deputados, também defende, em parte, uma política neoliberal e agressiva em matéria de política externa. Há um ano, há rumores de que alguns membros deste partido querem se separar e formar um novo partido que volte a adotar políticas genuinamente de esquerda.

Se você me perguntar por que estamos vivenciando fenômenos políticos muito semelhantes em todo o mundo, é por causa dos efeitos do neoliberalismo. Não se pode esperar que, após mais de 40 anos de desregulamentação econômica e um crescimento desproporcional da riqueza das elites, não surja uma oligarquia. Essa última exerce influência sobre a formação da opinião pública, bem como por meio de lobby e efeitos de porta giratória (corrupção legalizada) sobre as políticas dos partidos governistas, independentemente de orientação política deles.

Por exemplo, o último vice-chanceler e ministro das Relações Exteriores do SPD, Sigmar Gabriel, entrou para o conselho de supervisão do "Deutsche Bank", provavelmente a empresa mais conservadora da Alemanha, apenas alguns meses depois de deixar o cargo. Atualmente, ele também é presidente da "Atlantik-Brücke", uma organização de lobby transatlântica que representa os interesses da política externa dos Estados Unidos. O atual presidente do partido "Christlich Demokratische Union" (CDU) (União Democrata Cristã), Friedrich Merz, já foi presidente do partido há 22 anos, mudou para o mundo dos negócios e tornou-se presidente do conselho de supervisão da BlackRock na Alemanha até retornar à política em 2020.

Em ambos os casos, não houve protestos na mídia. Isso não é de se admirar, já que quase toda a mídia de massa privada influente na Alemanha está nas mãos de oligarcas ultra-ricos. A mídia

pública, que ainda é influente na Alemanha, é controlada pelos chamados partidos populares clássicos, a União Demócrata Cristã (CDU) e o Partido Social Democrata da Alemanha (SPD).

Jornalistas como eu, que assumem uma posição politicamente neutra ou de esquerda, criticando o governo, são enquadrados como populistas de direita por essa mídia. Como resultado, já fui chamado de fascista por amigos que obtêm todo o seu conhecimento sobre o mundo exclusivamente pela televisão. No entanto, politicamente, defendo um equilíbrio material entre ricos e pobres, soluções políticas pacíficas em vez de guerras por procuração e a preservação de valores básicos liberais e democráticos.

Alguém poderia pensar que o mundo enlouqueceu. Mas, como historiador semiestudado, sei que, embora as pessoas desejem que o mundo permaneça como está, o oposto foi verdadeiro no passado. As democracias sempre foram seguidas por formas autocráticas de governo, tanto nos tempos antigos quanto nos modernos. Por que deveria ser diferente hoje?

Um método bem-sucedido de convencer uma população prejudicada pela democracia, prosperidade e liberdades individuais a adotar uma política autocrática, totalitária e agressiva em matéria de política externa é o medo. Medo do declínio social, medo dos populistas de direita, medo dos estrangeiros, medo do crime, medo de ataques terroristas, medo de crises econômicas, medo das mudanças climáticas, medo de doenças ou medo do "russo malvado". Há algo para todos os gostos. Na Alemanha, o medo dos danos à saúde causados pelo calor está sendo explorado politicamente e na mídia. Isso não é brincadeira. Já se fala em lockdowns impostos pelo governo por causa do calor.

Com todos esses medos, disseminados principalmente pela mídia, é fácil ignorar que o problema real é o poder material cada vez maior de pessoas e empresas que usam seu poder para influenciar a política em favor de seus interesses. Isso inclui não apenas manter e aumentar seu poder material e político, mas também controlar o restante da população. Pois esta última precisa cada vez mais prescindir de prosperidade material, oportunidades de progresso e influência política.

Bem, como você pode ver, eu lido muito com política, especialmente com geopolítica. Vejo os países do BRICS como um antípodo interessante para a economia mundial dominada pelos EUA. De acordo com minha pesquisa, as novas moedas planejadas, como o "Sur" na América do Sul ou uma moeda

separada do BRICS, poderiam muito bem levar a uma crise financeira nos Estados Unidos.

Como brasileiro, o que você acha da proximidade econômica e política com a China e a Rússia, bem como da atitude antiamericana do seu atual presidente?

Grande abraço. Karsten>>

### **Bom demais para a política vulgar**

Eu o conheci através de uma apresentação formal, feita pelo marido de uma prima dele que já era meu amigo, aquele José Olympio já citado acima. Logo pude saber que era médico, como eu, embora mais velho; natural da terra e de família tradicional de Uberlândia; formado no Rio de Janeiro e que passara mais de vinte anos fora da cidade, trabalhando no interior de São Paulo, e que agora voltava, para continuar a clinicar, como gineco-obstetra em um dos hospitais da cidade, onde já tinha amigos e parentes médicos. O que eu não fiquei sabendo naquele momento é que ele tinha aspirações políticas, ainda não totalmente reveladas na ocasião, mas confirmadas para mim algum tempo depois.

Eu o revi apenas dois anos depois em reunião que já mencionei aqui, na sede do Bispado da cidade, tendo como anfitrião D. Estêvão Avelar, um dominicano atrevido, visado como inimigo pela ditadura, que corria solta na época. Preparava-se, então a campanha da Fraternidade de 1980, cujo tema era Saúde. Éramos dois médicos apenas no evento: ele e eu. E, ao final das conversas com o Bispo, ele veio conversar comigo, se dizendo bem impressionado com as coisas que eu tinha dito pouco antes e então me revelou que seria candidato a prefeito nas próximas eleições, daí a dois anos e que, se ganhasse, ele gostaria que eu fosse seu secretário de saúde. Isso me deixou, não sei se lisonjeado ou curioso, dada tanta ousadia e até mesmo, eu diria, certa presunção, daquele sujeito, até então um ilustre outsider na política local.

Entretanto, a ele eu me ligaria política e afetivamente mais tarde, pois de fato ganhou aquela eleição que parecia completamente impossível dois anos antes, fazendo de mim um interlocutor até certo privilegiado. Pela primeira vez na minha vida eu me aproximava de um político. Zaire Rezende é o nome de tal homem. Ganhou a eleição de 1982, disparado, na frente dos demais candidatos, em uma campanha que ocorreu de casa em casa, de ouvido em ouvido, como pouca grana, como nunca antes acontecera na cidade. Teve o apoio da Igreja Católica, pois era um praticante fiel, ligado aos movimentos mais liberais da Santa Madre, mas pôde contar também com os sindicatos, os mais pobres, além da comunidade universitária.

Os uberlandenses tradicionais, não apenas os mais ricos, torciam o nariz, claro, mas o homem empolgou de verdade o eleitorado. Seu segredo era um grande carisma e, mais importante, a quantidade de gente que ele conseguiu acessar na base de “olhos nos olhos”. O dito comum era o de que, quem conversasse com ele sairia convencido. Eu mesmo, apesar da desconfiança anterior, já fora inteiramente magnetizado. Ele era um *Rezende*, família importante na cidade, com muita gente rica e outros nem tanto. Seu pai era um fazendeiro tradicional, que lhe deixou terras de herança, que a política cuidou de dispersar mais tarde – mas isso é outra história. Sua passagem pelo interior de São Paulo se deu no contexto da formação de grupos médicos progressistas e sintonizados com o ideal cristão das Comunidades Eclesiais de Base. Foi médico em duas cidades, a última delas São Sebastião, onde tinha sido vereador, ligado ao grupo democratacristão de Franco Montoro. Teve sete ou oito filhos, com a esposa, Neusa, companheira solidária de suas andanças e aventuras.

Por isso tudo creio que percebi nele, desde o início, um homem atencioso, calmo, portador de um olhar realmente diferenciado e dedicado a seus interlocutores. Assim ele era não só em família, como também com eleitores, servidores da Prefeitura, colaboradores, membros do partido. Muitas vezes creio que pagou duramente por isso, pela incompreensão que um homem público sofre, até mesmo (ou principalmente?) quando é honesto e justo.

Um atestado de sua peculiar personalidade: em sua primeira visita a minha casa, meus gêmeos Mauricio e Fernanda, que tinham quatro anos de idade, o rodearam curiosos e em poucos minutos já tinham se instalado, sem nenhuma cerimônia, em seu colo. Acho que isso ilustra bem a matéria de que Zaire é feito.

Eleito em 1982, ele procurou fazer um governo ambicioso, instilando na política da cidade muitas coisas novas, sob um lema que ele respeitava e acreditava com sinceridade – democracia participativa – resistindo brava, ou melhor, suavemente, às investidas críticas de gente que queria pulso mais forte com a população, dentro e fora do governo – às vezes mais dentro do que fora. Foi a primeira vez que a cidade teve secretarias destinadas à saúde e ao meio ambiente, por exemplo. Na saúde colocou um sanitarista; na educação, um educador; no meio ambiente, um ambientalista; na cultura, uma professora de literatura.

É claro que na vala comum dos maus governos também há exemplos assim, mas naquele momento, principalmente nos primeiros quatro anos de gestão, acho que fizemos mais do que em todo um século anterior. A eleição para o sucessor foi perdida, em parte porque a figura escolhida tinha a cintura e a simpatia pessoal dignas de um poste. E forçosamente o contraste como prefeito que saía (não havia segundo turno na época) era inevitável.

Aspectos culturais também devem ter contribuído para a derrota em 1988, por exemplo, aquilo que me disse um frentista de posto de gasolina para justificar seu voto “nos outros”, na oligarquia da cidade: *uai, eles fizeram o Camaru...* Tal obra era um centro de exposições de gado e máquinas agrícolas, construído na administração anterior à nossa, com grande consumo de recursos. Mas para aquele gasoleiro era “a obra”.

Seu segundo mandato, entre 2001 e 2004, do qual participei novamente, foi malsucedido por inteiro, já dentro de um quadro político muito adverso, marcado por uma estratégia de coalizão e de verdadeira obsessão precoce com a sucessão, já em regime de dois turnos. Foram criadas secretarias em excesso, a crise fiscal mordeu fundo na carne, os aliados se mostraram pouco confiáveis e já na metade do mandato não se pensava em outra coisa a não ser nas eleições vindouras. Zaire se candidatou, contra a minha opinião e de outros secretários e assessores, acabando colocado em posição totalmente desonrosa naquele pleito. Na época eu fiz ver a ele já ter tido realizações perfeitas na vida: dois mandatos de prefeito, dois de deputado federal, duas décadas de carreira médica bem-sucedida, uma geração inteira de família bem-criada. E forcei a barra: por que não deixa a política e vai curtir a vida e criar sua filhinha mais nova? Não adiantou nada.

Ainda insistiu em ser candidato, em 2012, a vice-governador em chapa do PT (ele sempre foi PMDB, ninguém é perfeito) e mais uma vez foi derrotado, tendo sido antes abandonado pela própria companheirada, que certamente o tinha como estranho no ninho. Como herança da prefeitura, carregou uma série de processos judiciais por improbidade administrativa, aos quais respondeu penosamente por uma década inteira, tendo perdido grande parte do patrimônio que recebeu do pai. Mas isso é o de menos... No Brasil de hoje os tais processos abertos sofregamente pelos luminares do Ministério Público às vezes servem apenas para comprovar que o gestor acusado tentou fazer as coisas acontecerem. Se servir de consolo, a mim ou a ele, também fui alvo de um dos tais processos, e faço narrativa disso em outro capítulo destas memórias.

Zaire Rezende resumido em uma única frase: um homem que não precisa de fazer força para ser bom. Ele foi sempre naturalmente bom, sem qualquer esforço ou demagogia, valendo isso para a família, para a política, para administração, para os amigos.

### **Dois Guimarães**

Nas férias de final de ano de 1967 fui conhecer a família de Eliane, que eu namorava desde o mês de outubro anterior, em Volta Redonda, onde moravam. Fui bem recebido, embora com a cautela e a reserva que uma boa família meio mineira, meio fluminense, mas totalmente

conservadora, deveria exercer para receber um candidato a genro. Lá estive por três ou quatro dias, fizemos passeios, proseamos um bocado e tudo teria ficado sem maiores marcas, para mim, não fosse um dos irmãos, Jorge, que não passava de seus 10 anos na época, ter me contemplado com grande atenção, me acompanhando e puxando conversa a todo momento.

Algum tempo depois, com a família já residindo em Belo Horizonte, eu já casado com a irmã, a proximidade com ele só aumentou e acho que tive a oportunidade de ser carinhoso e compreensivo com um garoto que primava por comportamento considerado fora do padrão, embora nunca tenha cometido faltas exorbitantes. Jorge era pura emoção, tudo nele contentava ou machucava mais do que aos outros. Numa família de seis irmãos, como se sabe, a regra é manter a regra – e nisso Jorge realmente era um tanto insubordinado.

Mais tarde ele foi morar comigo em Uberlândia. O juízo já tinha chegado, mas ele sempre acrescentava umas pitadas diferenciadas ao seu peculiar modo de levar a vida. Não posso dizer que ele fosse um mulhereço vulgar, mas tinha um visgo ao qual aderiam, rendidas sem apelação, quase todas as garotas que lhe passassem por perto. Bonito, ele? Quase... Belos cabelos pretos, olhos um tanto amendoados, estatura alta. Porém, quando abria a boca logo se fazia notar uma fileira de dentes bastante desalinhados, que ele exibia sem pudor em risadas homéricas e fáceis, mas de repente até isso compunha seu charme.

Numa de suas paqueras, logo que chegou a Uberlândia, pediu-me emprestado o carro para um rolê com a gata (a qual, aliás, era minha secretária na Prefeitura). Eliane, do alto de seu juízo impecável, foi contra, mas eu, que já era inteiramente seduzido pelo sujeito, não fui capaz de negar. E não deu outra: no dia seguinte ele veio me mostrar, bastante constrangido, um belo amarrotado na lataria da camionete, resultado de um atropelamento por ele cometido. Nada de muito trágico: a vítima (que aliás escapou aos pinotes) era uma vaca. Até aí nada de mais; a questão é que isso tinha acontecido em uma rua central da cidade, pela qual talvez há décadas não houvesse mais trânsito vacuum. Como assim? Não sei... Coisas que só acontecem com um cara como ele, que tem a manha de ficar ainda mais querido depois de um incidente como este.

São incontáveis suas histórias hilárias, mesmo quando se armam como verdadeiras trapalhadas. Mas é nisso que se revela outra faceta especial de Jorge: ninguém sabe rir de si mesmo como ele. Aliás, para ser justo: ninguém conta piadas como ele, mesmo quando, como faz habitualmente, ele seja o primeiro a rir das mesmas e o faz, como se diz, “de orelha a orelha”, com os dentes mal perfilados e tudo. Separei-me de Eliane em 1987. Aliás, “separar” é modo de dizer, porque é impossível separar verdadeiramente de alguém que nos deu três filhos.

A convivência mais distante com ela não se estendeu aos nossos filhos, claro, e de certa forma também a Jorge. Já nos visitamos diversas vezes, seja em Brasília, São Paulo, Belo Horizonte e mesmo no Moinho, reencontros abrilhantados, nos últimos anos pela presença de Fafá, pessoa lindamente especial e altamente sintonizada com tal companheiro. E a cada vez a conversa é retomada como se tivesse sido interrompida apenas na véspera.

Este Jorge, para mim, tem o valor de um grande amigo, mas acima de tudo de pessoa que dispõe – e empresta – um astral extraordinário, estratosférico por onde anda ou se detém. Falo por mim e por meus três filhos, seus sobrinhos: Daniela, Mauricio e Fernanda, todos eles fãs incondicionais daquele a que chamam carinhosamente de Tibas – apelido que, aliás, fui eu quem inventei para ele. Salve Jorge!

Mas há outro Machado Guimarães em meu acervo de grandes e inesquecíveis amizades: Sérgio, o irmão mais novo de Eliane e Jorge. Caçulíssimo, aliás, nascido mais de 20 anos depois da irmã mais velha e pelo menos 10 depois de Jorge. Tive contato com ele mais amiúde do que com os demais irmãos, pois além de dia a dia em BH, enquanto morávamos lá, ele era companheiro inseparável nas idas anuais a Guarapari e mesmo em visitas em Uberlândia. Menino vivo e curioso, daqueles que, sem perder o viço da infância, gostam de se aproximar dos adultos e com eles interagir ativamente, seja para fazer perguntas, dar palpites ou simplesmente para estar por perto. Seus palpites, mesmo marcados pela ingenuidade infantil, creio que eu os recebia muito bem, pois via naquele garoto, desde o começo, uma graça e uma inteligência insuperáveis. Sempre gostei dele, de verdade.

O auge da interação com tal personagem se dava na Praia do Perocão, em Guarapari, onde Eliane e eu tínhamos casa e fazíamos excursões anuais. Aliás, diga-se de passagem, como fomos felizes ali, apesar das muriçocas, das rotinas de manutenção da casa sempre exigentes e negativamente surpreendentes, dos furtos ocasionais. Mas ali vi Daniela, Fernanda e Mauricio, além do tio Sérgio, um pouco mais velho, crescerem e, mais do que isso, formarem personalidade própria a cada ano que passava. Depois disso findou, para nunca mais, mais deixou lembranças – coisas findas, muito mais que lindas, aquelas que ficarão, como disse CDA.

Sérgio já era na infância e na adolescência e, aliás, continua sendo, o que poderia ser chamado de um curioso profissional. Ele se interessava por tudo, da psicologia individual aos grandes problemas do mundo. Tinha desde a infância ideias de esquerda, sendo radical nos seus conceitos de igualdade e de democracia, e eu via que ficava incomodado quando eu falava da União Soviética como mais uma ditadura no mundo. Estávamos na ditadura brasileira e ele certamente pensava que nada poderia ser pior do que o que via em seu país. Mas mesmo me

contestando nisso e também em outros assuntos, nossa conversa sempre rolava em regime de total sintonia e respeito. Aliás, se há uma lembrança preciosa daqueles tempos era a do respeito que ele tinha pelo meu conhecimento, coisa que nem sempre tive dos meus alunos nos muitos anos em que fui professor, salvo exceções.

Para traduzir em poucas palavras a minha admiração por este Tiradentes querido, formado dentista, avesso a dirigir automóvel, mas que sabe tudo sobre História e creio que tem até carteirinha de especialista, frequentando congressos da área mesmo fora do Brasil – para dizer dele, de maneira curta: pude vislumbrar nele (e com ele aprender) sobre os filhos adolescentes que vim a ter mais tarde.

Antes que me esqueça, sou responsável, também, assim como no caso do Jorge, pelo apelido carinhoso com que meus filhos o tratam até hoje: *Tussas*. Surgiu assim: quando pequenos eles o chamavam de algo que me soava como Tu'Sérgio. Daí ao apelido definitivo foi um pulo.

### **Saulo da Matta Viana Barbosa**

Quando vejo as fotos feitas por um fotógrafo itinerante, que atendia pelo curioso nome de Pantaleão Alcaraz, e visitava o Colégio Estadual (e talvez muitas outras escolas também) para documentar as turmas, a cada ano, surpreendo-me com o fato de que já me esqueci dos nomes de grande parte daqueles adolescentes, perfilados junto a suas carteiras escolares, em poses ora circunspectas, ora apalhaçadas. Mas pelo menos de um ou dois sempre me lembro, e entre eles Saulo da Matta Viana Barbosa, que fez comigo a quarta série e mais algum outro ano, qual, exatamente, não me lembro mais. E há uma razão muito simples para tanto: ficamos amigos na ocasião e, mais do que isso, voltamos a nos encontrar em Brasília, muito tempo depois, reatando a velha amizade da juventude.

Além disso, éramos relativamente vizinhos na juventude, ambos habitando o vasto e emblemático território da Barroca, em BH. Eu na rua Selênio, já na vertente para a Nova Suíça e ele nos altos da Cura D'Ars, próximo à antiga caixa d'água. Isso nos possibilitava voltarmos juntos das aulas, caminhando, apesar da longa distância e em pleno sol de meio dia, bem uns quatro km entre o Santo Antônio, onde ficava o Colégio Estadual e a nossa Barroca. E nem é preciso dizer que naqueles périplos peripatéticos bem que nos esforçamos em resolver os problemas, seja do colégio, da Barroca, da cidade ou mesmo do mundo.

Saulo era mais lido do que eu, de modo que eu apreciava, de fato, sua companhia, entre outras razões para me ilustrar. Mas a verdade é que possuíamos forte sintonia um com o outro, daquele tipo que há como explicar muito. E tanto a sintonia era grande que em certa ocasião, passados quase trinta anos de nossas últimas caminhadas pelo trajeto

costumeiro nas avenidas do Contorno e Amazonas, eu recém-chegado a Brasília, encontrei Saulo, por acaso, em um desfile do Bloco Pacotão, que marcou época na cidade com sua crítica política. E tal como dois gambás nos farejamos e retomamos imediatamente aqueles conciliábulos pretéritos.

Saulo, que os íntimos, como eu, sempre chamaram de Saleba, formou-se em Sociologia na UFMG e veio para Brasília bem antes de mim, para trabalhar no IPEA, onde fez carreira. Como tantos outros servidores da instituição, prestou serviços através de cessão a outras instâncias, principalmente na Câmara Federal, onde se tornou assessor qualificado de políticos importantes. Do ponto de vista profissional tínhamos pouca coisa a intercambiar, eu no Ministério da Saúde ou na Universidade, ele no Legislativo. No início os encontros eram esporádicos e meio formais, lembrando-me, especialmente, de uma festinha para a qual ele me convidou, onde eu fiquei constrangido diante de uma bancada de alagoanos colloridos, figuras aliás abundantes no DF no início dos anos 90, que lá faziam presença. Tal ambiente, confesso, não me agradou muito e eu logo dei um jeito de cair fora.

Mas felizmente esta fase passou, até porque Collor acabou sendo expelido e assim pudemos retomar, com mais afinidade, alguns anos depois, nossos papos dos anos 60. Mais tarde, já no final da década, em um de nossos encontros, agora almoços mensais, ele me apresentou um colega de Câmara, ao qual de início eu encaminhei um “muito prazer” convencional, para logo verificar que eu já conhecia aquela figura de outros tempos. Falo disso aqui porque tal pessoa, com quem eu perdera o contato há tempos, acabou se transformando em um dos melhores amigos que tenho hoje.

Mas retornei aquela bela amizade antiga com Saleba, que trouxe para mim uma compensação para o sentimento de falta que eu sentia, relativo a ter perdido de vista quase todos os meus amigos de juventude. Aproveitamos bem nossas tertúlias, nos tais almoços mensais no Beirute, agora junto com Eduardo Fernandez, David Lima, Nicolas Behr. Até que começamos a perceber sua dificuldade cada vez maior em se locomover, mesmo em pequenas distâncias, mostrar dificuldade crescente em lidar com os talheres, além de ter a fala gradualmente se tornado arrastada e quase inaudível. Ele recebera a visita inesperada e indesejada da doença de Parkinson e nossos contatos se tornaram novamente rarefeitos.

Em fevereiro de 2024, partiu. É a vida.

### **Eduardo Fernandez**

Este associa raízes mineiras sertanejas montesclarenses com a tradição culta de um avô de extração europeia, o compositor erudito, um dos

mais notáveis do Brasil, aliás, Lorenzo Fernandez. El é fruto daquela bela e antiga amizade com Saleba, referido acima, que me trouxe certa compensação para a falta que eu sentia por ter perdido de vista, como já disse, grande parte de meus amigos de juventude.

Prosseguimos, já há duas décadas, as tertúlias que um dia reuniram David, Nicolas e Saleba, agora reduzidas a nós dois apenas, mas com o brilho e a profundidade de sempre.

Compartilhamos, também, o hábito de nos expormos por escrito, eu de maneira menos visível, mas ele colaborando formalmente em duas ou três publicações, sem profundo e abrangente em suas análises.

Aliás, *profundidade* é com ele mesmo. Aposentado da assessoria parlamentar da Câmara dos Deputados há alguns anos, passou a dedicar sua vida a causas nobres, não só em termos de escrita, mas também à prática de mergulhos profundos, que o têm levado a distantes oceanos do Planeta.

Nele louvo a intrepidez intelectual, mas também estas façanhas aquáticas, que seriam impensáveis para um sujeito medroso como eu.